

Um romance de
GIOVANNA MONTEIRO

COMO SE CASAR
COM UM
Herdeiro


As
Crônicas dos
Hartwells
LIVRO II




Índice

[Capa](#)

[Folha rosto](#)

[Ficha técnica](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a Autora

*Este é para você, vovó.
Você me amou e cuidou de mim desde o primeiro dia.
Por favor, viva para sempre.*



Prólogo

Londres – 1805

Adrian Alexander James Lewis Hartwell, marquês de Bassett, com 14 anos, ainda não entendia a necessidade de possuir tantos nomes ou a utilidade de um *título de cortesia*, mas já tinha a compreensão de que cuidaria da criança que chorava copiosamente em seus braços pelo resto da vida.

Após a morte de sua mãe, no ano anterior, seu pai havia deixado de ser confiável. O homem alegre, ativo e orgulhoso, que se autodenominava duque de Gifford, havia se tornado um alcoólatra sem a mínima condição de criar uma filha. A situação ainda se agravava com o fato de que o duque culpava Anastasia, a filha em questão, pela morte da duquesa.

Adrian teve de deixar sua infância de lado, assumindo uma responsabilidade que destoava de sua mentalidade. Deixou de brincar com seus irmãos e ignorou sua admissão em Eton, decidindo que sua irmã não seria criada pelos serventes de sua casa. Dean e Nathan, seus outros irmãos, de apenas 8 e 6 anos, respectivamente, também eram demasiado pequenos para aquela

tarefa.

Do dia para a noite, ele teve que aprender a deixar de ser criança e se tornar um homem. Ou o mais próximo disso que um garoto poderia se tornar.

Havia sido uma jornada árdua, o jovem marquês aprendeu aos poucos a identificar quando o bebê chorava de fome ou quando precisava ter seus panos trocados. Buscou por alguém que pudesse dar leite para Anastasia e encontrou a Sra. Beaumont, uma mulher com uma criança recém-nascida que buscava por emprego. Ele sabia que precisaria de muita ajuda, então, falsificou a assinatura de seu pai e utilizou seu selo oficial para gerir um contrato com ela, que apenas aceitou trabalhar em tais circunstâncias, assinando com um rapaz recém-saído de sua infância, por apiedar-se de sua pequena irmã.

Naquele momento, especificamente, Anastasia chorava de fome e Adrian aguardava pela Sra. Beaumont, que amamentava a própria filha em seu quarto da casa. Um barulho alto soou ao longo do corredor e o menino levantou os olhos, averiguando o que poderia ter caído.

A causa fora um vaso de cerâmica derrubado por seu pai, que tropeçava por cima dos pedaços quebrados, e andava em sua direção. Adrian segurou a irmã com mais força em seus braços, preparando-se para protegê-la de qualquer acesso de fúria que ocorria quando o pai exagerava no álcool.

— Aqui está você! — Joseph Hartwell exclamou ao vê-lo. Sua voz estava menos arrastada do que o normal, mas o cheiro forte no ar não deixava dúvidas quanto ao estado de embriaguez do homem.

— Boa tarde, Vossa Graça — Adrian cumprimentou com a educação que foi lhe ensinada.

O duque balançou a mão no ar, como se assim pudesse afastar as palavras formais do próprio filho.

— Preciso que venha comigo.

Adrian nem sequer piscou.

— Agora não posso, estou com Anastasia. Ela precisa ser amamentada.

Gifford franziu os lábios, contrariado.

— Entregue essa coisa para qualquer pessoa — ele disse. — Preciso que venha comigo. Agora.

O garoto endireitou a coluna, esperando se mostrar mais altivo do que se sentia. Mais velho do que realmente era.

— Não posso.

Seu pai estreitou os olhos, fazendo com que Adrian percebesse que havia entrado em um campo minado.

— Entregue essa coisa para qualquer pessoa — ele repetiu em tom afiado —, ou eu a abandonarei em um orfanato distante e você jamais a verá novamente.

Adrian balançou a cabeça, perplexo.

— O senhor não faria isso.

E o olhar que o duque de Gifford lançou para ele, incrivelmente lúcido e com um brilho de crueldade, fez com que o

garoto percebesse que sim, o homem seria capaz de fazer aquilo.

No que diabos o seu pai havia se transformado?

Contendo um palavreado nem um pouco adequado para um nobre de sua idade – e que provavelmente lhe renderia uma bela bofetada do duque – Adrian caminhou até a porta da Sra. Beaumont e bateu.

— Deixe-a no chão — seu pai resmungou. — Logo alguém a encontrará.

A mandíbula de Adrian se fechou.

— Não — replicou em tom firme, não dando qualquer abertura para discussão.

Contudo, por causa de sua pouca idade, o duque não o levou a sério:

— Apenas faça o que eu digo, garoto. Largue essa coisa.

— Ela não é uma coisa — Adrian cuspiu a palavra, como se queimasse sua língua. — Ela é sua filha.

Ódio e dor brilharam nos olhos do duque, surpreendendo Adrian ao destoar completamente do homem que ele observava se tornar mais frio e decadente a cada dia.

— Ela é uma assassina — Gifford anunciou.

O pequeno lorde Adrian Alexander James Lewis Hartwell, de apenas 14 anos, mesmo sabendo que não tinha a menor chance, estava prestes a agredir o próprio pai, quando a Sra. Beaumont abriu sua porta e entrevistou:

— Boa tarde, meus senhores. Em que posso ajudá-los?

— Ótimo! — o duque exclamou ao vê-la, atropelando qualquer coisa que o jovem rapaz pudesse dizer — Entregue esse barulho incômodo para ela e me encontre em meu escritório.

E, da mesma forma que ele apareceu, ele se foi, tropeçando pelos corredores.

Sentindo um misto entre alívio e frustração, Adrian estendeu Anastasia para a Sra. Beaumont.

— É fome — ele informou, sentindo uma breve satisfação por saber aquilo. — Por isso ela está chorando tanto.

A criada sorriu para o garoto e passou a mão em seus fios negros, os bagunçando.

— Tanta responsabilidade para tão pouca idade — ela comentou, então, ajeitou o bebê no colo, de maneira que pudesse aliviar seu choro. Adrian ainda não havia aprendido a fazer aquilo. — Não se preocupe com nada. Sei que parece difícil agora, mas cada batalha que enfrentamos nos transforma em uma pessoa mais forte no futuro. E com um pai como o seu — ela balançou a cabeça com uma pequena careta —, você será uma grande pessoa. Apenas precisa se permitir ser.

— Ele não era ruim — Adrian se sentiu na obrigação de defender.

A Sra. Beaumont ninou Anastasia até que seu choro diminuiu completamente.

— Eu acredito em você — ela disse. — Sabe, ninguém é

inteiramente mal. Assim, como ninguém é inteiramente bom. O que acontece é que as pessoas escolhem o caminho a trilhar e, às vezes, descobrem que é tarde demais para voltar.

— Acha que é tarde para papai?

Ela o encarou.

— Apenas o tempo irá dizer — respondeu. — Agora vá, ou ele terá outro surto — O garoto aquiesceu, preparando-se para voltar pelo corredor, quando a criada o chamou: — Milorde?

— Sim?

— Boa sorte.



Adrian estava confuso.

Ele havia escutado as palavras que seu pai havia acabado de dizer, mas não podia verdadeiramente compreendê-las.

— Um segundo — ele pediu, tentando colocar seu cérebro no lugar. — O senhor disse que eu devo me casar com uma criança recém-nascida?

O duque assentiu, levantando um papel de carta e lendo em voz alta:

— *Escrevo-lhe, bom amigo, para avisar-lhe a respeito do nascimento de minha primeira filha, lady Sarah Erin Winter. Ela nasceu em perfeitas condições e blá blá blá* — ele virou a carta, buscando por algo em

específico. Limpou a garganta ao encontrar: — *Sei de seu interesse em fazer negócios comigo e penso que uma aliança entre nossas famílias poderia ser um acordo vantajoso para ambos. Envio-lhe junto a esta carta o arranjo de noivado. Espero que tome a decisão mais acertada. Com os melhores cumprimentos, George Winter, duque de Lovelace e Melbourne.*

A primeira coisa que, inutilmente, passou pela cabeça de Adrian foi que a recém-nascida possuía menos nomes do que ele próprio.

A segunda foi que o duque em questão possuía dois títulos. Dois ducados. Céus, o homem deveria ser insuportável.

— Isso ao menos é... legal? — Adrian questionou.

Seu pai o olhou por alguns segundos, como se tentasse compreender o que o menino havia acabado de perguntar. Então, pareceu ficar furioso.

— Não vai se casar com um bebê, seu idiota — informou. — Vamos esperar até que ela tenha idade adequada.

— E qual seria a idade adequada?

O duque de Gifford olhou para o lado por um segundo, franzindo o cenho.

— Não sei. Legalmente ela poderia se casar com 14 anos — ponderou.

Adrian se assustou. 14 anos?! Como, em nome do Senhor, ele havia passado tão rápido de um garoto para o noivo de alguém?

— Não — ele disse. Firme. — Não me casarei com alguém dessa forma. Nem daqui 20 anos. Recuso-me.

O duque sequer se abalou.

— Você não tem escolha.

Adrian ergueu o queixo.

— Fugirei.

— Eu o encontrarei e o arrastarei até o altar quando for o momento — grunhiu. — Lovelace possui terras de meu interesse e garantiu que eu as terei, juntamente com o dote da garota. Eu também fiz acordos de investimentos. Há mais em jogo do que uma mente tão jovem como a sua pode sequer começar a calcular. Não permitirei que coloque tudo a perder.

Contrariando todas as expectativas e surpreendendo ao duque e a si mesmo, Adrian permaneceu de queixo erguido, encarando seu pai como se fossem iguais.

— Entrarei em seu escritório no meio da noite e queimarei todos os seus documentos importantes — ameaçou. — E, no caso de isso não ser o suficiente, não se esqueça de que eu sou o seu herdeiro. No momento em que o título e as terras forem minhas, mandarei tudo para o inferno. Arruinarei completamente o seu legado, e você não poderá fazer nada para impedir.

Gifford estreitou os olhos.

— Não faria isso.

Adrian permaneceu firme, mostrando a ele sua convicção.

Seu pai veio em sua direção como uma avalanche e o segurou pelo pescoço contra a parede.

— Você vai fazer de boa vontade o que eu lhe disser para fazer — ele rosnou. — Não deixarei que uma criança mal-criada atrapalhe meus planos.

O ar se esvaiu aos poucos dos pulmões de Adrian e ele sentiu o início de uma tontura dominar seus sentidos.

— Mamãe o odiaria agora — o menino conseguiu sussurrar.

O duque soltou sua garganta como se sua pele queimasse e olhou para Adrian com os olhos arregalados, percebendo o que quase havia feito. Tossindo e dando longas tragadas para tentar recuperar o ar, Adrian endireitou-se lentamente, tomando uma decisão.

— Eu me casarei com a garota — informou. —, mas apenas no momento em que eu decidir.

O duque permaneceu calado.

Em um surto de coragem, Adrian caminhou até a garrafa de bebida que havia no escritório e a levou até seu pai.

— Tome um pouco — zombou — para comemorar. Pode assinar o acordo de noivado e o que mais for necessário. Conseguiu o que queria. A partir deste momento, pode se afogar em álcool. E que Deus me perdoe, pai, mas eu espero que o senhor viva uma vida extremamente curta.

Ele saiu do escritório sentindo-se diferente.

Por alguma razão, seu pai havia se calado, mas aquilo não fazia com que Adrian se sentisse melhor.

Daquele dia em diante, o duque de Gifford não tornou a se

embebedar, controlando cada gota de álcool que entrava em contato com sua boca, no entanto, ninguém nunca mais o viu deixar seu escritório, exceto para dormir. Tornando-se, assim, um recluso.



Capítulo 1

1. *Regar as flores da estufa.*
2. *Podar as rosas.*
- ~~3. *Dizer a papai que eu não desejo me casar.*~~
3. *Terminar de ler o livro sobre botânica que iniciei no fim de semana.*

Lista de Afazeres, por Erin Winter

Hampshire, Solar Lovelace – Fevereiro de 1826

Erin sabia que deveria estar se preparando para partir. Aquela era a coisa certa a se fazer, afinal. E Erin sempre fazia a coisa certa. Sempre. Sendo filha de um nobre com dois ducados, não poderia ser diferente. Desde cedo, ela foi ensinada rigorosamente sobre a importância de agir corretamente, seguindo os costumes e portando-se de acordo com o que a sociedade esperava de uma lady.

A carta que havia abalado o seu mundo inteiro tinha chegado há semanas pelo correio e ela vinha adiando sua partida desde

então.

Erin não era ingênua. Ela soube a vida inteira que, ao atingir a idade adequada, se casaria com o herdeiro de um ducado que vivia em Londres. Contudo, essa idade havia chegado e passado, assim como as próximas, e o herdeiro em questão não havia dado qualquer sinal de sua existência, muito menos qualquer vontade de dar continuidade àquele acordo ridículo feito pelos pais de ambos.

E, então, a carta chegou. Aquela bendita carta, pingando educação e cortesia. Não havia uma linha ali que demonstrasse um interesse real e genuíno naquele arranjo, além das vantagens oferecidas previamente nos acordos do noivado.

Ao ler aquela carta, ela se sentiu doente.

— Erin!

A jovem levantou a cabeça, desviando sua atenção das flores que cuidava e olhando para a madrasta, que havia invadido a estufa como um furacão.

— Oh, céus, querida. Eu a procurei por todos os lugares!

Erin conteve uma careta. Harriet Winter, a duquesa de Lovelace e Melbourne, era incapaz de manter um tom de voz baixo e moderado, o único volume que ela conhecia era o alto e estridente. E o fato de a estufa ser um ambiente fechado que fazia com que sua voz ecoasse, apenas piorava aquilo.

— Eu disse para Pearl que estaria aqui, Harriet — ela mencionou em tom brando.

Sua madrasta bufou.

— Eu sou uma mulher ocupada. Jamais perderia meu tempo buscando informações com os criados.

Se Erin fosse uma pessoa menos contida, poderia ter revirado os olhos diante de palavras tão absurdas. Os afazeres preferidos de Harriet, pelo o que a jovem sabia, eram: ler colunas de fofocas e receber visitas para que pudesse exibir sua vida de duquesa com título duplo. Deveras, ela chegava ao cúmulo de convidar diariamente pessoas, que sequer conhecia, apenas para que pudesse realizar esse feito.

Acrescentando isso ao fato de que ela estava grávida – do que poderia ser o primeiro herdeiro dos ducados, uma vez que Erin era filha única – ninguém na casa permitia que a duquesa levantasse um dedo ou fizesse qualquer esforço desnecessário.

Uma pessoa tão ociosa chegar ao cúmulo de se autodenominar “ocupada” era tão absurdo que Erin sentiu vontade de rir.

Ela não o fez, é claro, pois, prezava pela boa educação, mas nada conseguiu impedir os cantos de seus lábios de se levantarem. A jovem só esperava que Harriet confundisse a zombaria daquele sorriso com empatia.

— Há um rapaz muito atraente na sala de estar — anunciou a madrasta. Erin apenas continuou a olhando, esperando que seu silêncio fizesse com que ela adiantasse o assunto em questão. — Ele está procurando por você — Harriet acrescentou lentamente, como se aquelas palavras fossem importantes demais. Ela pareceu quase decepcionada com a falta de reação da enteada diante de seu anúncio.

— Ele adiantou sobre o que se trata? — Erin perguntou, prática.

Harriet pareceu horrorizada com aquela linha de pensamento. Talvez perguntar a um homem bonito o que ele tinha ido fazer em uma casa de família em um horário inapropriado para visitas parecesse um completo absurdo para ela.

— Este homem se parece com um camponês? — Erin sondou.

O horror de sua madrasta quadruplicou.

— Claro que não! — exclamou — É um nobre, sem sombra de dúvida. Eu jamais deixaria um camponês entrar em nossa sala de visitas!

Erin ficou confusa.

Na semana anterior, ela havia emitido um anúncio à procura de um novo jardineiro, uma vez que o Sr. Smith havia fugido com a filha de um fazendeiro e ela precisava de alguém que cuidasse da estufa e dos jardins da casa em tempo integral.

Ela esperava que homens a procurassem, sim. Homens do campo. Trabalhadores. Não um nobre.

— Ele entregou a você um cartão de visitas? — Erin indagou, buscando por mais informações.

Nobres não procuravam por Erin Winter. Nunca. Ela já estava prometida a outro homem. Estava noiva de um marquês. Um herdeiro de um ducado. Ninguém, em sã consciência, se aproximaria dela com outras intenções. Não homens. A moça não havia sequer participado das temporadas sociais quando, enfim,

teve idade para fazê-lo. Nos 20 anos de sua vida, aquela era a primeira vez que um homem atraente – se ela pudesse confiar em Harriet – havia entrado em sua casa, buscando por ela.

— Esqueci de pedi-lo — sua madrasta confessou. —, mas pelo amor de Jesus Cristo, Erin. Surge um homem que parece uma representação viva de um deus grego em nossa sala e você acha que eu iria lembrar de pedir seu *cartão de visitas*?

Erin teria ficado chocada com tais palavras se não viessem de Harriet. Depois dos cinco anos de casamento dela e de seu pai, a jovem já havia visto e escutado de tudo. Sua nova madrasta, se fosse mais jovem, seria considerada espirituosa, mas como já possuía certa idade, era vista como excêntrica. Erin gostava dela. Realmente gostava. Ela apenas se cansava da presença da madrasta com mais facilidade do que deveria.

— Onde está papai?

A duquesa, que retirava suas luvas – ela as considerava “restritivas e abafadas” –, balançou uma mão em um gesto universal de desdém.

— Saiu. Deve estar na casa de algum arrendatário ou conversando com o Sr. Simmons — resmungou, mencionando o administrador de seu pai. — Quem se importa? Você precisa... — ela parou, notando pela primeira vez as roupas simples que normalmente Erin usava para fazer seus serviços básicos de jardinagem. — Que diabos é isso no seu corpo?

Erin abaixou os olhos para onde Harriet apontava.

— Roupa?

— Não! Eu falo em cima dos... trapos.

— Terra.

— E no seu rosto?

A jovem ergueu a mão com a luva para a própria pele.

— Provavelmente o mesmo.

O horror no rosto de sua madrasta se transformou em aversão.

— Vou distrair nosso convidado. Você, mocinha, precisa de um banho.

Sim, ela percebeu. Não estava em condições de receber ninguém naqueles trajes. Seu vestido havia sido alterado para seus propósitos e se tornado leve demais para os proclames sociais. A camada de terra úmida em cima do tecido apenas a tornava menos apresentável.

— Tentarei ser rápida.

— Por favor, não tenha pressa — Harriet disse. — Faz muito tempo que eu não fico a sós com um jovem tão atraente.

Contendo outra revirada de olhos, Erin retirou suas luvas grossas de jardinagem, deu meia-volta e correu – ou melhor, *andou rapidamente*. Uma dama jamais deveria ser vista correndo – de volta para a casa principal, planejando usar a porta dos fundos.

Aproveitando a distância de sua madrasta, Erin tentou acessar seu acervo mental, procurando por informações em sua memória que explicassem um nobre em sua casa. Não poderia ser

Arthur, decidiu, o jovem, apesar de bastante atraente, era conhecido da família, principalmente por ser vizinho e amigo de infância de Erin.

Poderia ser...

Seu pensamento não foi mais longe do que isso, logo a jovem se viu indo rapidamente de encontro ao chão.

Na noite anterior, o cair de uma pequena tempestade foi forte o bastante para transformar boa parte da terra de seu jardim em poças irregulares. Uma delas se prendeu à bota de Erin, fazendo com que a jovem se desestabilizasse. Ela ergueu os braços, na esperança de diminuir o impacto...

Que jamais chegou.

Algo grande e forte rodeou a cintura de Erin, evitando que ela caísse com o rosto diretamente em uma grande poça. Assim que estava devidamente posta sobre seus pés, ela ergueu os olhos, percebendo que havia sido segurada por um par de braços masculinos, cujo dono era um completo desconhecido. O homem usava roupas feitas à mão e sob medida, notou, o que dizia muito sobre sua questão financeira. Ele também era alto. Realmente alto. Tão alto que Erin precisou dobrar o pescoço para poder olhar para seu rosto e, ainda assim, teve dificuldades em enxergar seus traços, pois, ele estava contra a luz do sol.

— Bom dia — o estranho cumprimentou, tocando a ponta de seu chapéu e inclinando a cabeça em um curto cumprimento. — A senhora pode me informar onde posso encontrar lady Sarah Winter?

Ela assentiu, mas sua boca não parecia capaz de acompanhar

seu cérebro. Erin sequer conseguiu se incomodar com o fato de que o homem havia se referido a ela pelo primeiro nome, aquele que ela jamais usava. Ele deveria ser o nobre do qual sua madrasta havia se referido. Ela deu um passo para trás, tentando se livrar da cegueira da luz do sol para tentar analisá-lo apropriadamente.

Bem, quem diria. O homem era *realmente* atraente.

Avaliando friamente, ele possuía um bom corpo que combinava com seu porte, não o deixando magro demais ou musculoso em excesso. Seu rosto também possuía belos traços, mandíbula forte, quadrada, lábios consideravelmente cheios e nariz aristocrático. Erin ainda não podia ver seus olhos ou a cor de seu cabelo, por causa do chapéu, mas duvidou que tais detalhes diminuíssem o impacto de sua aparência imponente.

Aquele homem tinha a aura de um líder. Um herdeiro. Erin reconhecia um quando o via. Arthur tinha aquela mesma aura.

Ela endireitou seu corpo, assumindo a postura correta para uma dama.

— Posso perguntar quem deseja saber, senhor?

Se ele ficou surpreso com a réplica, não demonstrou, respondendo com a mesma imponência que havia em tudo nele:

— Sou o noivo dela.



A criada não esboçou qualquer reação e não parecia ter intenções de se mover. Adrian se perguntou se, para encontrar lady Sarah Winter, ele teria que buscá-la sozinho.

No momento em que bateu na porta do Solar de Lovelace, uma excêntrica mulher grávida abriu a porta, apresentando a si mesma como a duquesa de Lovelace e Melbourne, explicando em tons altos e agudos algo sobre a dificuldade de se arranjar bons empregados, mas deixando claro que normalmente não abria a porta de sua própria casa. A duquesa parou seu extenso e escandaloso discurso apenas para questionar o motivo de sua visita. Quando Adrian pronunciou o nome de lady Sarah, a mulher pareceu confusa em um primeiro momento, depois, quase como se algo se iluminasse em seu cérebro, ela saiu correndo para fora da sala, o deixando sozinho.

Ele, então, decidiu segui-la, imaginando que ela fosse levá-lo até o motivo de sua visita, contudo, quem poderia imaginar que uma duquesa grávida, com tantos tecidos e saias restringindo seus movimentos, seria mais rápida do que ele?

Foi apenas por acaso que ele viu o momento exato em que a jovem criada tropeçou e ele estava próximo o suficiente para alcançá-la, detendo sua queda.

— Lorde Adrian Hartwell? — a criada perguntou, no mesmo tom ameno — Marquês de Bassett?

Ele tentou não se surpreender com o fato de que ela sabia seu nome e título. Imaginou que aquela moça trabalhava diretamente para lady Sarah, provavelmente sendo sua dama de companhia.

— Sim — respondeu — E a senhora? — questionou, lembrando

de sua educação.

A moça ergueu minimamente os ombros, fazendo com que ele notasse sua postura perfeita. Ela também não tinha qualquer sotaque, percebeu, o que fazia com que ela soasse como uma aristocrata. Provavelmente, ela era filha de uma boa família sem títulos. Era comum que mulheres de boas famílias buscassem por empregos como governantas, damas de companhia ou preceptoras. Aquele, certamente, era o caso daquela jovem.

Ele só não conseguia entender o motivo de ela estar coberta de terra. Desde seu cabelo, rosto e até as barras de seu vestido.

— Erin — ela respondeu.

— Pode me informar onde eu posso encontrar lady Winter, Erin?

Algo brilhou nos olhos da jovem que poderia ser diversão, mas o brilho sumiu tão rápido quanto apareceu.

Ele a observou mais atentamente.

Que olhos notáveis, constatou. Cor de lavanda. Diferentes o bastante para que Adrian se perguntasse como não havia percebido aquilo no momento em que a viu. Os cabelos dela também eram interessantes, tirando o pouco de barro que havia na frente, ele podia ver claramente os cachos que escapavam de seu coque simples, claros demais para que fossem considerados ruivos, mas escuros demais para que fossem realmente loiros. Algo entre esses dois tons.

— Claro, milorde — ela respondeu. — Peço apenas que o senhor volte para a sala que a duquesa mostrou para o senhor.

Lady Winter o encontrará em alguns minutos, ela precisa apenas tirar toda essa terra de seu corpo — comentou. Então, o vislumbre de um sorriso apareceu em seus lábios pequenos e cheios. — Como pode imaginar, lorde Bassett, cuidar de flores nem sempre é um trabalho limpo.

Adrian sentiu-se extremamente confuso.

— Flores? — ecoou.

O pequeno sorriso da jovem cresceu quase imperceptivelmente quando ela se abaixou em uma pequena medida.

— Lady Sarah Winter — cumprimentou. — Embora eu prefira ser chamada de Erin.

Demorou um segundo para que ele entendesse o sentido de suas palavras.

Então, sentiu-se um completo idiota.

Sarah *Erin* Winter. Aquele era o nome completo dela.

Oh, céus.

Adrian se apressou em corrigir seu erro, espelhando sua medida de maneira apropriada, afinal, ela era uma dama, não importando o que estivesse vestindo no momento.

— Milady — cumprimentou —, peço perdão por meu equívoco, eu apenas não esperava...

Ela lançou a ele um sorriso contido, próprio de uma moça educada para a nobreza.

— Não se preocupe, lorde Bassett — ela disse. — O único argumento que posso usar para defender minha situação atual é o de que eu não esperava por visitas.

Ele sentiu-se um pouco envergonhado, porém, esforçou-se para mostrar-se impassível.

— Quando não recebi nenhuma resposta à minha carta — se sentiu na obrigação de explicar —, decidi que poderia ser uma boa ideia visitá-la para verificar qual decisão milady tomou acerca de nosso futuro.

Ela continuou parada, sua postura concedendo-lhe a ilusão de uma altura que não possuía. Em nenhum momento, lady Winter mudou sua expressão, tornando impossível para Adrian distinguir o que ela poderia estar sentindo ou pensando.

Aquela mulher seria uma excelente jogadora no carteadado, ponderou de repente.

— Pode haver uma carta chegando em Londres neste exato momento com minha resposta, milorde — ela comentou.

E não parecia estar brincando. Na realidade, suas palavras soaram com um ar científico, como se ela dissesse algo que deveria realmente ser levado em consideração. Adrian se sentiu ainda mais idiota. Era um fato que os Hartwells não eram conhecidos por sua paciência — exceto no caso de Nathan, seu irmão mais novo, que era uma pessoa muito mais racional e paciente do que Adrian jamais seria em sua vida —, de forma que ele não pensou duas vezes quando, após semanas sem qualquer resposta, pediu para que seus criados preparassem sua melhor carruagem para uma viagem até Hampshire.

Entretanto, em nome do Senhor, o que era preciso para que um homem obtivesse uma resposta para uma proposta de casamento? Uma espera tão longa era mesmo necessária?

— E há? — ele se sentiu na obrigação de perguntar.

A moça balançou minimamente a cabeça, em uma negativa curta. Adrian lembrou-se de como tais movimentos contidos o enlouqueciam nos eventos sociais que era obrigado a comparecer. As damas da alta sociedade eram obrigadas a parecerem perfeitas, contendo ao máximo suas personalidades e qualquer coisa que pudesse torná-las interessantes. Isso sem falar naqueles malditos leques que manejavam indiscriminadamente, como se pudessem comunicar-se através do objeto.

Lady Sarah... não, *Erin* - se era assim que ela desejava ser chamada, era assim que ele a chamaria - possuía o mesmo traço. Sua postura, assim como suas maneiras e sua expressão eram perfeitas. Sem qualquer personalidade aparente... exceto pela terra em suas roupas. Mesmo que revirasse seu cérebro, não conseguiu pensar em nenhuma jovem que aceitasse sujar as mãos daquela maneira, fazendo um trabalho que deveria ser designado a um serviçal. *Bem, corrigiu a si mesmo, sua irmã fazia coisas como aquela frequentemente quando vivia em Gifford House, antes de seu casamento, mas Anastasia estava longe do que poderia se chamar de "comum".*

Ao menos lady Erin Winter não possuía nenhum leque à vista.

— Não — a moça respondeu. — De fato, não há — ela olhou para longe dele por um segundo, baixando as mãos e tentando livrar-se um pouco da camada de terra que a cobria. — Pode aguardar na sala de visitas, milorde? Preciso me trocar. Encontrarei-o em poucos minutos e poderemos continuar essa

conversa.

Ele assentiu.

— É claro, milady, tome o tempo que precisar.

Ela abaixou-se, em outra mesura calculada e o rodeou, refazendo seu caminho em direção à casa principal.

Adrian a observou enquanto ela se afastava, sem saber o que pensar sobre aquele primeiro contato com sua provável futura esposa.



Capítulo 2

1. Bordar.

~~2. Pedir a papai mais informações sobre Adrian Hartwell.~~

2. Encontrar um novo livro para ler.

Lista de Afazeres, por Erin Winter

O pânico a consumiu no momento em que entrou em seu quarto, não diminuindo nem um pouco entre o tempo que Pearl preparou seu banho e a vestiu. Na realidade, ao perceber que teria que descer as escadas e enfrentá-lo novamente, o pânico aumentou de tal maneira que sua respiração se tornou superficial.

Adrian Hartwell estava ali.

Adrian Hartwell, seu futuro marido, estava ali.

Adrian Hartwell, seu futuro marido, estava ali, em sua sala, esperando para vê-la. De novo.

Era isso. Ela não poderia mais adiar aquele momento.

Erin desceria aquelas escadas e conversaria com ele a respeito do casamento iminente. Ela não o recusaria. Sabia disso.

Jamais seria corajosa o suficiente para fazer algo como isso. A vida inteira seu pai se esforçou para que ela conhecesse seus deveres e fizesse as coisas da maneira correta... contudo, nada disso a impediu de nutrir sonhos. Sonhos secretos que eram apenas dela.

E em seus sonhos secretos não havia espaço para a vida marital. Ela não desejava um marido ou filhos.

Lady Erin Winter almejava única e exclusivamente a liberdade.

Ela estava presa e tinha plena consciência disso. Presa a regras ridículas e em seu próprio senso de dever. Erin estava presa em sua própria natureza passiva e se odiava por esse fato.

— Respire — Pearl pediu, notando o desconforto da lady.

— Eu poderia pular pela janela — Erin comentou, mais para si mesma.

Sua aia balançou a cabeça.

— Do terceiro andar? Terá sorte se não quebrar o pescoço. Ou diversos ossos.

Alisando dobras imaginárias no tecido imaculado de suas saias, Erin indicou:

— Posso tentar descer pela árvore. Ela é grande o suficiente.

Indo por detrás dela, Pearl começou a trabalhar nas amarras de seu espartilho, que haviam sido afrouxadas após a ameaça de falta de ar.

— E para onde iria em seguida?

Erin parou para analisar aquela pergunta seriamente.

— Eu poderia pegar um dos cavalos e cavalgar até as enseadas. Eu pagaria por um barco que me levasse até a América.

Pearl pareceu horrorizada com aquele pensamento.

— E o que a senhorita faria na América?

Erin deu de ombros, lançando um sorriso para a criada.

— Recomeçaria minha vida.

O puxão que a criada deu em seu espartilho trouxe Erin de volta ao presente, fazendo-a perceber que aquela era uma ideia impossível. Tal constatação fez com que ela se sentisse pior.

— Vi seu noivo quando estava vindo até a senhorita — Pearl mudou de assunto propositalmente. — O homem é um pedaço de mau caminho.

Este comentário pegou Erin de surpresa, fazendo com que um incômodo calor subisse até suas bochechas. Ela havia conseguido, com algum esforço, manter-se impassível na frente de lorde Bassett, mas qualquer pessoa que possuísse olhos poderia notar o quanto ele era atraente.

Ao se pegar imaginando qual seria a cor dos olhos dele, sentiu a si mesma ficando ainda mais corada.

— Ele é atraente — concordou, com certa relutância.

Pearl bufou.

— Se ele fosse loiro e tivesse olhos azuis, seria a própria representação de Lúcifer. Imagine. Lindo como o diabo. Há um

motivo para essa expressão e eu poderia garantir-lhe que é ele.

Ignorando o teor das palavras de sua criada, Erin se viu focando em algo que não deveria ter importância para si:

— Você o viu sem chapéu?

A criada assentiu. Seu semblante assumindo um ar sonhador.

— A senhorita deve ter salvado uma nação em sua vida passada, milady, para que Deus tenha lhe enviado um homem como este.

Erin se sentiu repentinamente enjoada.

Olhou-se no espelho, observando o contraste entre o tecido rosê e o tom de leite de sua pele.

Talvez devesse trocar de roupa. Erin se sentia apagada. Sua pele era muito clara, seus cabelos tinham um tom pálido e anêmico que estava entre o loiro e o ruivo, sem falar nos seus olhos que possuíam uma tonalidade desbotada de violeta. Ela não possuía qualquer destaque ou atrativo e não ajudava o fato de que era pequena e magra demais, tendo curvas de uma criança em desenvolvimento.

Percebendo sua linha de pensamentos, Erin se sentiu chocada consigo mesma. Ela estava mesmo considerando trocar sua roupa, apenas para não se sentir inferior diante da aparência de um homem?

Balançou a cabeça, trazendo juízo até a própria cabeça.

— Estou pronta para descer — anunciou.

Pearl a avaliou por um momento, os olhos das duas se encontrando através do espelho.

— Acho que deve passar um rouge em suas bochechas, milady. Precisa de um pouco de cor.

Erin sabia que a dama de companhia estava certa, mas decidiu que não moveria um dedo em sua aparência por causa de lorde Adrian Hartwell.

— Estou pronta para descer — repetiu.

A criada pareceu hesitar, mas, enfim, disse:

— Como quiser, milady.

E se moveu até a porta, abrindo-a para a jovem.

Erin não sabia como seria sua vida a partir daquele momento. Imaginava que sua boca poderia falhar em dizer as coisas que necessitavam ser ditas, mas absolutamente enfrentaria tudo com a postura impecável que foi ensinada a ter.



— Então, você é o famoso noivo da Erin?

Adrian tirou os olhos da enorme pintura que havia acima da lareira da sala – uma representação um tanto o quanto exagerada do duque de Lovelace e Melbourne – e se virou para Harriet Winter.

— Vossa Graça — cumprimentou, curvando-se educadamente, fingindo que não havia se assustado com o tom de voz alto da mulher mais velha.

Ela ignorou o cumprimento com um aceno de mão e adentrou o cômodo.

— O duque não me disse que o senhor era tão... — ela pausou, olhando sem pudor, da cabeça aos pés — interessante — finalizou, soando como se aquela não fosse a palavra que ela gostaria de usar.

Adrian sentiu-se desconfortável e imaginou se era assim que um produto na vitrine de uma loja se sentia.

— Eu teria dito para a milady quem eu sou, mas não tive a oportunidade — ele comentou, sentindo a necessidade de frisar a maneira como ela o havia deixado anteriormente.

Ela balançou novamente uma mão, agora enluvada, como se ele houvesse falado sobre um assunto tão trivial que nem precisasse ser citado.

— Erin deve estar descendo — informou. — Ela sempre foi uma pessoa muito prática, estou certa de que se arrumará rapidamente — a duquesa franziu levemente o cenho —, mesmo estando coberta de terra da última vez que a vi.

Considerando o fato que ela provavelmente não sabia sobre o encontro de Adrian com lady Winter, aquele comentário se tornou absurdamente inapropriado para os termos formais dos quais aquela interação pedia. Contudo, a maneira como a duquesa se referia à jovem pelo nome na frente de um cavalheiro também sugeria uma falha em suas maneiras.

Bem, uma duquesa com dois títulos poderia ser tão informal quanto desejasse e ninguém falaria nada. Ela estava resguardada das normas sociais de uma maneira que poucos nobres estariam.

Adrian decidiu seguir a conduta da Sra. Winter, suavizando a própria postura.

— E o que lady Winter fazia, para estar coberta de terra? — se arriscou em perguntar.

A jovem havia dito, mais cedo, que mexia com plantas, mas ele queria saber o que mais havia naquela história.

O franzir de cenho da duquesa se aprofundou, acentuando seus traços excessivamente largos. Testa grande e rosto longo, combinando com a gravidez inchada. Harriet Winter não podia ser considerada exatamente bela, mas algo em sua postura autoconfiante a tornava uma figura notável.

— Nosso jardineiro fugiu com a filha de um fazendeiro há algumas semanas — ela balançou a cabeça. — Realmente, os dois formavam um casal agradável, mas poderíamos ter sido avisadas com antecedência. Emitimos um pedido urgente de um novo jardineiro, mas Erin não quis deixar que as plantas ficassem sem cuidado nesse meio tempo — a duquesa abriu um pequeno sorriso. — Você deveria vê-la, jamais vi uma pessoa ler tantos livros sobre botânica em tão pouco tempo — o franzir de cenho voltou. — Que livros abomináveis — resmungou — Li um pouco por curiosidade ao vê-la lendo-os de maneira tão voraz e posso dizer com toda a tranquilidade: aquelas porcarias serviriam facilmente como sonífero.

Um riso baixo escapou de Adrian, que não esperava, em

absoluto, tal linguajar na boca de uma duquesa.

— Essa foi uma atitude admirável da parte dela — ele comentou. — Minha irmã também insistia em cuidar das flores de nossa casa. Ela dizia que o jardineiro as matava.

O sorriso voltou com força total para o rosto de Harriet Winter.

— Soube a respeito do casamento de sua irmã e o conde de Riverdale — comentou. — Recebemos um convite, mas Lovelace e Melbourne tinha alguns compromissos inadiáveis, de forma que não pudemos comparecer. Espero que não tenha nos esperado.

Adrian sequer sabia que eles haviam recebido convite, então, decidiu não se estender naquele assunto.

— Foi uma bela festa — ele desconversou. — Um casamento por amor, o que é raro na sociedade em que vivemos — e algo que Adrian provavelmente não teria. Mas essa última parte deixou para si mesmo.

A duquesa assentiu, como se entendesse perfeitamente aquele ponto.

— Mas o senhor se apaixonará imediatamente por Erin, lorde Bassett — ela garantiu, quase como se tivesse ouvido seus pensamentos. — Ela é uma jovem absolutamente bela, sem falar em sua sublime educação. Em todo o tempo que a conheço, jamais a vi perdendo a calma. Nem uma única... — pausou, um brilho estranho passou por seus olhos cor de corça, como se ela se recordasse de algo. — Na realidade, houve uma vez. Mas posso garantir que a situação realmente instigou sua raiva e que, no final, ela cuidou de tudo de maneira admirável.

Ele conseguiu evitar inclinar-se na direção da duquesa e demonstrar seu interesse. Adrian apreciava cada pequena rachadura que havia no escudo de perfeição que a nobreza utilizava, pois, aqueles eram os verdadeiros traços que importavam em suas personalidades.

— Qual foi a situação? — questionou, utilizando um tom neutro.

— Um camponês maltratava um cachorro — outra voz, mais baixa e doce, respondeu, trazendo a atenção de Adrian à porta, na qual lady Erin Winter estava parada.

Toda a sujeira havia desaparecido, deixando em seu lugar uma pele clara como a neve. O cabelo dela estava úmido e preso em um coque elaborado, de maneira que ele não podia ver sua cor exata, mas ele lembrava-se claramente do tom híbrido que era claro demais para ser cobre. Seu corpo pequeno e delicado combinava com sua baixa estatura, assim como seu rosto, com traços finos, nariz afilado e a pequena boca em formato de coração, com lábios cheios. Os olhos da moça continuavam incríveis na baixa luz da sala, transformando o tom de lavanda em um violeta desbotado.

Sim, a duquesa estava certa, lady Winter era uma jovem verdadeiramente atraente que poderia fazer muito sucesso, caso debutasse na sociedade e participasse das temporadas sociais. O que ela faria, mas como sua esposa.

Adrian tentou não pensar naquilo, no fato de que poderia estar arruinando o futuro daquela bela jovem ao atrelá-lo ao seu.

— Lady Erin — ele fez uma mesura —, é um prazer revê-la.

Harriet Winter fez um barulho estrangulado que trouxe a atenção para si.

— Vocês já haviam se conhecido?

— Apenas brevemente — Erin respondeu. Seu tom era leve, mas não deixava qualquer abertura para que o assunto se prolongasse. — Meu pai retornou? — ela perguntou para a duquesa.

A mulher mais velha deu um pequeno salto no lugar.

— Não sei! — respondeu, aumentando seu tom mais do que era necessário — Mas vou imediatamente procurar saber.

E ela caminhou até a porta.

Lady Erin não se moveu, de forma que ainda bloqueava a passagem.

— A senhora sabe que não devo ficar a sós com um cavalheiro — argumentou.

A duquesa bufou.

— Bobagem! Você fica sozinha com Arthur o tempo inteiro — replicou. — Além disso, este cavalheiro em questão é seu noivo. Qualquer coisa que fizer, estará resguardada após o casamento.

Arthur?

Nem um único músculo no rosto da jovem se moveu.

— Então, peça para que Pearl fique aqui como minha dama de companhia.

Os olhos da duquesa se reviraram.

— Não o farei — replicou. — Fique a sós com seu lindo noivo e converse com ele.

E, mesmo com lady Erin bloqueando a porta, a mulher foi capaz de contorná-la e sair da sala.



Sentindo o nervosismo formigando abaixo de sua pele, Erin virou-se novamente para o marquês de Bassett. No momento em que ela adentrou a sala, havia sido difícil encontrar a própria voz ao vê-lo.

Erin notou o quanto ele era bonito, contudo, ao ver os cabelos negros, ondulados e levemente bagunçados pelo uso do chapéu, e aqueles olhos verdes sublimes, com o tom exato de esmeraldas... ela quase tropeçou nos próprios pés.

Nervosismo deu lugar ao desespero quando a jovem percebeu que os segundos estavam passando e os dois permaneciam calados. Aquele era o motivo de ela detestar interações sociais. Ela sabia como deveria se portar, é claro, mas jamais aprendeu a arte de jogar conversa fora. Erin poderia passar dias lendo livros e aprendendo coisas novas, contudo, nenhum desses dizia o que ela deveria fazer para iniciar uma conversa adequada com um belo noivo, com quem ela não estava certa de querer se casar.

— Peço perdão pela duquesa — disse, decidindo que não

poderia ser errado iniciar por sua educação. — Ela jamais se prendeu às regras e convenções sociais. Prefere fazer as coisas da própria maneira.

O marquês abriu um sorriso para ela, revelando uma fileira de dentes brancos perfeitamente alinhados e evidenciando o formato quadrado de seu maxilar.

— Não se preocupe, milady. Minha irmã é muito parecida, a diferença é que Anastasia não possui dois títulos para resguardá-la.

Erin conteve um pequeno sorriso em resposta ao dele.

— Sente-se, milorde — ela pediu, percebendo que ele poderia se sentir desconfortável ao ficar tanto tempo em pé. — Quer que eu peça chá e biscoitos para o senhor?

Ele balançou a cabeça.

— Apenas se a senhorita quiser.

Ao perceber que ele provavelmente não se moveria enquanto ela estivesse de pé, pois, seu cavalheirismo o impediria, Erin caminhou e sentou-se no *chaise* que havia próximo a ele. Bassett finalmente se moveu, sentando-se na poltrona em frente ao *chaise*.

Mais alguns segundos de silêncio sofrido e, então, finalmente, o lorde limpou a garganta e lançou outro sorriso para ela, este infinitamente menos espontâneo e mais educado.

— Conte-me a história do cachorro — ele pediu.

Erin demorou um pouco para associar seu pedido ao que ele conversava com sua madrasta no momento em que ela entrava na sala.

— Um camponês estava maltratando um cachorro próximo aos limites de nossa propriedade — ela explicou. — Eu interfeiri.

Lorde Bassett ficou em silêncio, como se esperasse por mais. Ela manteve-se em silêncio. Na realidade, Erin evitava conversar sobre aquele assunto, trazia à tona o pior lado dela. Logo, a imagem do homem espancando o pobre animal com um pedaço de madeira tomou conta de suas lembranças e fez com que seu sangue fervesse. Aquela havia sido a primeira vez que ela sentiu vontade de agredir alguém.

— O que aconteceu com o cachorro? — foi a pergunta que ele fez como incentivo para que ela continuasse.

— Eu o comprei do camponês e o trouxe para a minha casa.

Outra pausa.

— Onde está o animal agora?

Erin travou sua mandíbula.

— Ele morreu pouco tempo após eu resgatá-lo — ela confessou. — Os ferimentos eram graves demais.

Diversas emoções passaram pelos olhos verde-esmeralda de Bassett naquele momento, mas o que predominava era compaixão... e raiva.

— O que aconteceu com o camponês?

— Continua vivendo em nossas terras.

O marquês pareceu ficar consternado com aquele fato. A ideia de que ele era um protetor dos animais fez com que Erin

simpatizasse com ele.

— Não sei se eu deixaria alguém assim viver em minhas terras — ele murmurou em um tom quase cauteloso —, principalmente, após presenciar algo como isso.

Erin moveu as mãos, depositando-as com leveza sobre as pernas. Ela desejou ter pedido por chá e biscoitos, assim, ela teria algo para fazer.

— Decidimos mantê-lo aqui, onde podemos vigiá-lo — ela explicou para Bassett. — Compramos todos os animais que ele permitiu e mantemos um olhar vigilante sobre os que sobraram. Garanto ao senhor, milorde, que o Sr. Jones, o camponês em questão, está ciente do que ocorrerá a ele no primeiro sinal de maus-tratos que encontrarmos.

Interesse vívido brilhou naqueles olhos verdes, substituindo as outras emoções que haviam ali.

— E o que ocorrerá a ele? — questionou.

Erin abriu a boca, mas a voz que se alastrou pela sala foi uma indiscutivelmente mais grave e profunda:

— Creio que a pergunta correta seria: o que *ocorreu* a ele?

Ambos se viraram para a porta, na qual um belo homem ruivo se apoiava em sua lateral, com os braços cruzados. A própria imagem do equilíbrio e da tranquilidade, como se nada no mundo pudesse abalá-lo.

— Arthur! — desta vez a voz vinha de Harriet, que voltava correndo até a sala — Eu lhe disse para não vir até aqui! — ela

sibilou para o amigo de Erin — Não podemos atrapalhar o casal.

O jovem ruivo apenas levantou um ombro em um gesto descontraído.

— Eu queria ver o famoso noivo de Sally — informou, usando a variação odiosa de seu primeiro nome que era o apelido que havia dado a ela quando ambos ainda eram pequenos, e arqueou uma sobrancelha para Bassett, de forma quase arrogante. — Devo dizer que não estou impressionado.

Erin sentiu uma vontade absurda de revirar os olhos.

Impressioná-lo não é a prioridade das pessoas, Arthur, era o que ela diria se eles estivessem a sós, ao que ele responderia: Deveria ser. Se eu fosse o foco da sociedade, atingiríamos rapidamente a paz mundial. Então, Erin riria e eles iniciariam algum assunto banal que seria temperado pelas observações mordazes de Arthur.

Contudo, eles não estavam a sós e, de acordo com o papel que deveria fazer, Erin levantou-se – sendo seguida por Bassett, que era um cavalheiro – e lançou um sorriso contido para o amigo. Como uma perfeita anfitriã.

— Lorde Lowell — cumprimentou —, eu não esperava por sua visita hoje.

— Porque ele é um intrumetido! — Harriet resmungou — De certo, viu a carruagem de lorde Bassett e veio ver quem era. Ele é pior do que uma velha fofoqueira!

O amigo de Erin riu.

— Se é esse o papel que devo interpretar, querida Harriet,

então, preciso de material para minhas fofocas — replicou, então, piscou um olho para Erin. — Quando será o casamento, Sally?

Olhando para o semblante perplexo de Bassett, ela sentiu vontade de rir também, mas conteve-se.

— Este é Arthur Lowell, milorde — informou ao marquês. — Seu pai é o barão de Hawley. A propriedade do barão é vizinha à nossa, o que torna lorde Lowell um velho e querido amigo.

— Não tão velho assim — resmungou Arthur, com uma pequena careta.

Desta vez, Erin não se conteve, lançando um sorriso maior para o jovem ruivo. Quando ela desviou a atenção novamente para Adrian Hartwell, percebeu que ele a encarava de forma diferente, com uma intensidade que não estava ali antes.

O sorriso dela sumiu.

— É um prazer conhecê-lo, lorde Lowell — Bassett se virou, meneando a cabeça de forma polida para Arthur. — Adrian Hartwell. Marquês de Bassett.

— O prazer é todo meu — Arthur imitou o gesto. — Sally finalmente parou de enrolá-lo, milorde?

Uma sobrancelha escura de Bassett se ergueu.

— Na realidade — respondeu —, eu ainda não obtive minha resposta.

E os três se viraram para encará-la. O marquês, em expectativa, Harriet, em impaciência e Arthur, em diversão descarada.

Decidindo que ela jamais teria o momento de serenidade do qual precisava para pensar apropriadamente, Erin respirou fundo, antes de responder no mesmo tom calmo de sempre:

— É claro que eu aceito me casar com o senhor, lorde Bassett.

Afinal, aquele era o seu dever.



Capítulo 3

- 1. Catalogar os cuidados que os empregados devem ter com cada planta da casa.*
- 2. Passar para Harriet e papai as instruções para o provável novo jardineiro.*
- ~~*3. Voltar atrás em minha decisão de me casar com lorde Bassett.*~~
3. Preparar minhas malas.

Lista de Afazeres, por Erin Winter

Adrian Hartwell jamais voltaria a reclamar de sua própria casa após o dia que passou no Solar de Lovelace. Seus ouvidos doíam por conta do tom alto utilizado pela duquesa em tudo o que ela dizia e que apenas piorou com a chegada de seu marido, o duque de Lovelace e Melbourne.

Bassett já conhecia o duque de algumas sessões do parlamento que ambos haviam participado. Entretanto, a imagem de homem quieto e centrado que o nobre havia lhe passado simplesmente não condizia com o devoto apaixonado que adentrou as portas do Solar com um buquê em mãos, gritando por sua esposa.

O amor transformava as pessoas em tolas.

Em pouco tempo, ficou evidente para Adrian o motivo pelo qual o duque havia se ausentado e o carismático Arthur Lowell tinha ido até o Solar Lovelace. Finley Jones, o homem que havia agredido o cachorro que lady Erin tinha tentado salvar, fora encontrado morto naquela mesma manhã.

Não parecia um eufemismo dizer que Adrian, entre todos ali, foi o que mais se mostrou abalado. Lowell em nenhum momento perdeu seu humor descontraído, lady Winter permaneceu com a mesma expressão neutra e alheia às emoções, a duquesa parecia mais interessada no buquê que o duque havia se dado ao trabalho de levar até ela e o duque... bem, o duque parecia quase satisfeito.

— O homem era um bêbado idiota que estava prestes a falir parte das minhas terras — Lovelace comentou — Não estou surpreso que ele tenha se acidentado. De certo, bebeu até o estado de semiconsciência antes de subir naquela carruagem. Temos que agradecer a Deus o fato de ele não ter levado outras pessoas com ele.

— O lugar daquele homem era mesmo no infer... — a duquesa começou.

— Vossa Graça — Erin interrompeu em um tom firme —, creio que devemos nos lembrar que temos visitas.

Lowell balançou uma mão despreocupadamente, atraindo a atenção de todos para si.

— Não se preocupem comigo — caçoou. — Sei que sou um visitante importante, mas dou permissão para que todos ajam com naturalidade.

— Creio que ela está se referindo ao lorde Bassett, Arthur — a duquesa apontou.

Um pequeno chiado atravessou a sala e Adrian precisou de alguns segundos para perceber que o barulho vinha de Erin que soltava sua respiração ruidosamente.

— Ele sabe perfeitamente a quem eu me referia — ela replicou, perdendo um pouco de sua postura perfeita.

Lowell estalou a língua antes de abrir um largo sorriso para lady Winter.

— Nós estamos irritando você, Sally?

Ela respirou fundo uma vez, de uma maneira que poderia ter passado despercebida se Adrian não estivesse prestando atenção.

— Bobagem! — o duque resmungou — Erin está bem — então, ele se virou para Bassett. — O senhor vai passar a noite aqui, milorde? Ou pretende acelerar os preparativos para levar minha filha a Londres?

Em um primeiro momento, a intenção dele era realmente se instalar no Solar por uma noite e fazer tudo com calma, porém, após aquela interação, a cabeça de Adrian latejava.

— Eu gostaria de voltar para a estrada ainda hoje, se não for um incômodo.

Finalmente, a expressão descontraída de Arthur Lowell sumiu, dando lugar a uma preocupação genuína.

— Hoje? — o jovem ruivo repetiu — Como espera que Erin faça suas malas e se despeça de sua vida em um período tão curto?

— As malas dela já estão feitas — o duque informou.

A cabeça de Erin virou bruscamente para seu pai, o movimento mais espontâneo que Adrian já havia visto ela fazer. *Não. Ela havia sorrido para Lowell*, ele se lembrou. Um grande sorriso caloroso que havia tornado-a ainda mais atraente.

Será que algum dia ela sorriria daquela forma para Adrian? Da forma como ela se retraía quase imperceptivelmente ao olhá-lo e como pareceu preferir nadar ao lado de tubarões quando disse aceitar o casamento, parecia que não.

Adrian sabia o motivo pelo qual deveria seguir em frente com aquele arranjo, mas não fazia ideia do por que Erin havia aceitado aquilo, quando era nítido não ser o que ela desejava.

O que ela desejava?

O olhar dele se voltou para o rapaz ruivo, alto e de boa aparência que havia crescido ao lado da jovem. Será que ela estaria tão inexpressiva se o seu noivo fosse Arthur Lowell?

— Quando pediu para que fizessem minhas malas? — a lady de olhos cor de lavanda perguntou para o pai.

— Pearl vem arrumando suas coisas aos poucos desde o início da semana — o duque respondeu. — Decidi que você estava postergando demais esse assunto. Quando um homem lhe faz uma pergunta, ele espera uma resposta rápida. Estou surpreso que lorde Hartwell tenha esperado tanto tempo para vir até Hampshire.

— Já imaginou que ela pode ter postergado esse assunto por estar reconsiderando esse compromisso? — Lowell questionou.

O duque nem sequer olhou para o jovem ruivo quando se virou para Adrian.

— Creio que vocês podem partir após o chá.

Lowell abriu a boca novamente, provavelmente para protestar, mas Erin levantou um dedo para calá-lo, seu semblante não demonstrando nada além de calma gélida.

— Tudo bem. Pearl também organizou as coisas dela?

— É claro, afinal ela é sua dama de comp...

— Não.

Todos se viraram para a duquesa, quem havia dito a última palavra.

— Não? — o duque repetiu. — Como assim *não*?

A duquesa olhou para baixo, avaliando as próprias unhas como se não houvesse dito nada de mais.

— Eu demiti minha aia esta manhã. Preciso de Pearl até encontrar alguém apropriada para o serviço. Ela não pode partir.

O cenho do duque franziu.

— Por que demitiu Maya? Pensei que gostasse dela.

Harriet Winter se empertigou, erguendo o queixo para lhe conferir mais altura em frente ao marido, um pouco mais alto que ela.

— Ela sugeriu que eu deveria levar algumas roupas até a modista para alargá-las — e quando todos continuaram a olhá-la

sem compreender, a duquesa se exaltou: — Maya me chamou de gorda!

Um pequeno silêncio se abateu pelo cômodo, como se todos tivessem medo da reação da duquesa caso apontassem o fato óbvio de que a mulher estava grávida. *Muito* grávida. E que a criada não havia cometido um erro mortal.

Adrian limpou a garganta, sentindo que deveria, ao menos, tentar consertar a situação.

— Estou certo de que há outras criadas na casa que poderiam atuar como criada até que a milady encontre alguém apropriada.

A duquesa bufou.

— Impossível. Todos os meus criados possuem um trabalho importante na casa, além disso, Pearl já atuou como minha criada quando Maya estava doente, então, ela conhece minhas preferências.

O duque balançou a cabeça.

— Erin não pode viajar sem uma dama de companhia. Seria indecoroso.

Lady Lovelace revirou os olhos.

— Oh, claro. E, então, ela seria obrigada a se casar com ele para recuperar a reputação? — zombou — Como se tal arranjo já não houvesse sido feito desde o momento em que Erin nasceu.

Adrian tentou novamente:

— Mesmo assim, não é correto...

— A carruagem ficará apertada se Pearl for junto com eles — Harriet o cortou, ignorando suas palavras. — Haverá mais espaço no veículo se forem apenas os dois. Além disso, terão um tempo para se conhecerem. Só vejo vantagens.

— Creio que haverá espaço suficiente para três pessoas — Adrian se sentiu na obrigação de informar. — E estou certo que terei muito tempo para conhecer lady Winter melhor.

Ninguém se deu ao trabalho de sequer olhá-lo.

A duquesa encarou o duque com uma profundidade que era desconhecida para Adrian.

— Será mais *fácil* para Erin — ela pontuou com intensidade — se houver apenas uma pessoa com ela na carruagem.

Compreensão brilhou nos olhos de Lovelace que se virou para encarar a filha. Adrian também seguiu o seu olhar e ficou perplexo ao notar a palidez que tomou conta do rosto da jovem.

Lady Erin parecia prestes a vomitar.

Adrian caminhou até ela rapidamente, seu cavalheirismo abafando todos os seus sentidos. A dama não estava se sentindo bem e ele precisava fazer algo para ajudá-la.

— Você está bem? — ele perguntou em um tom baixo, apenas para ela, que assentiu — Sente alguma tontura? — ele insistiu.

Ela negou, balançando a cabeça.

— Estou bem — disse.

Uma mão grande apareceu no ombro de Erin e Adrian

demorou alguns segundos para perceber que a mão pertencia a Arthur Lowell, que a tocava como se possuísse intimidade suficiente e o direito para fazer tal coisa.

— Sally está ótima — garantiu.

— Ela apenas percebeu que terá que usar uma carruagem para ir até Londres — a duquesa explicou.

Adrian ficou ainda mais confuso.

— A senhorita tem medo de carruagens? — ele perguntou para Erin, se esforçando para nivelar seu olhar com o dela apesar da diferença de altura destoante de ambos.

Ela ergueu o queixo e deu um passo para o lado, livrando-se da mão em seu ombro e encarando Adrian com altivez.

— Não — respondeu. — Apenas não gosto de lugares fechados.

Adrian a analisou novamente, vendo-a de forma diferente desta vez. Erin Winter era certamente uma moça de boa educação, mas era mais do que isso. Ele poderia visualizá-la facilmente conhecendo Anastasia sem se abalar com sua personalidade excêntrica, escutando as coisas absurdas que saíam da boca de Dean e mantendo a classe, respondendo apenas quando fosse necessário, com alguma resposta inteligente que, provavelmente, o desarmaria. Ela se daria muito bem com Nathan, ele estava certo disso, ambos possuíam uma personalidade parecida.

Pela primeira vez, ele não se sentiu completamente angustiado com aquele arranjo. Na realidade, Adrian se sentiu quase esperançoso com seu futuro.

Eles poderiam aprender a gostar e a tolerar a presença um do outro. Ele não chegaria tão longe a ponto de dizer que se tornariam um casal apaixonado, mas, certamente, poderiam desenvolver um companheirismo ao longo do tempo. Não seria perfeito, contudo, poderia se tornar agradável.

— Minha carruagem é espaçosa e possui janelas largas — ele prometeu. — Eu também não gosto de me sentir preso.

Ela apenas assentiu uma vez, sinalizando que havia entendido suas palavras. A palidez de sua pele ainda não havia desaparecido. Adrian queria que ela se sentisse melhor, mas não sabia o que deveria dizer ou fazer. Ele odiava esses pequenos momentos de impotência.

— Tudo bem, meu querido — a duquesa andou até Adrian e agarrou o seu braço. — Você deve estar cansado da viagem até aqui, porque não toma um banho e descansa um pouco? Mandarei alguém chamá-lo para a refeição quando a mesa estiver montada.

Ele abriu a boca, pronto para dizer que aquilo não seria necessário, entretanto, a duquesa o puxou pelo braço até a porta. Seu aperto era firme demais para que ele conseguisse se desvencilhar sem parecer mal-educado.

— Pearl vai levá-lo até um dos quartos enquanto eu peço para prepararem seu banho. Prefere água quente ou morna? — Adrian voltou a abrir a boca, mas ela o interrompeu novamente: — Por Deus! Estamos em pleno inverno. Claro que prefere um banho quente.

A boca de Adrian se moveu inutilmente, era óbvio que a opinião dele não era necessária naquela situação. Quando a criada

foi chamada e instruída, ele percebeu que não se podia tentar conter um tornado.

Ele curvou levemente o tronco, despedindo-se das pessoas na sala, que não pareciam nem um pouco surpresas com a atitude da duquesa.

— Boa sorte — Arthur Lowell murmurou.

E aquela foi a última coisa que ouviu antes de ser escoltado pela criada, que parecia mais do que satisfeita em obedecer a duquesa à risca.



Ao entrar na carruagem sozinha com lorde Bassett, horas depois, Erin percebeu que não haveria mais volta. Ela realmente iria se casar. Então, o pânico começou. Não apenas por causa dessa constatação, mas, também, pelo fato de que ela estava confinada em um ambiente que parecia cada vez menor. As janelas realmente eram largas, como Adrian Hartwell havia prometido, mas não diminuía em nada o zumbido em seus ouvidos, como se seu coração estivesse bombeando seu sangue de maneira incorreta.

Procurando focar em outra coisa que não fosse o interior da carruagem ou os movimentos que o veículo fazia, Erin ficou com a cabeça totalmente virada para o exterior, observando a paisagem mudar. Seu rosto estava quase para fora da janela. Harriet estava certa ao insistir que deixassem o decoro de lado, se Pearl houvesse

entrado naquela carruagem com eles, Erin poderia ter uma síncope.

Lembrou-se da despedida excessivamente calorosa que havia recebido de seu pai e de sua madrasta – como se eles não fossem se encontrar novamente em pouco tempo, quando a data do enlace fosse marcada – e sentiu algo se aquecer em seu peito.

Ela amava sua família, por mais que fossem pessoas excêntricas.

Arthur também se despediu dela com um abraço apertado, informando que tinha planos para participar da temporada social de Londres e que iria encontrá-la novamente em pouco mais de uma semana. Erin se surpreendeu, mas percebeu que não deveria, pois, seu amigo já possuía idade suficiente para buscar por uma esposa e, após a lastimável morte de Harry, o irmão mais velho de Arthur, ele tornou-se o herdeiro de um baronato. E um herdeiro possuía responsabilidades.

Erin não era boba, sabia da existência da libertinagem e de amantes, mas jamais havia visto seu amigo com mulher alguma, de forma que ela simplesmente não imaginou que aquele momento chegaria.

Perfeito. Ela iria perder sua vida, seus sonhos e seu melhor amigo; ele encontraria uma esposa, faria meia dúzia de crianças ruivas e a esqueceria. Simplesmente perfeito.

Ela deve ter feito algum barulho, pois, lorde Bassett perguntou um segundo depois:

— Encontra-se bem, milady?

— Sim — Erin respondeu sem tirar o rosto da janela.

Ela estava com medo de olhar para o interior da carruagem e entrar em pânico. Não seria bonito.

— Quer conversar? — ele questionou — Talvez se sinta melhor caso tenha uma distração.

— Eu estou bem — garantiu, mas sua voz não soou firme o suficiente para que ele acreditasse.

Um silêncio curto se instalou e Erin fechou os olhos, fazendo contas rápidas em sua mente para evitar pensar nos sons que as rodas da carruagem faziam contra a estrada.

— Sabe — Bassett começou em um tom calmo e baixo que pareceu infinitamente mais alto na privacidade do veículo —, uma vez eu quebrei meu braço tentando salvar um gato que estava preso em cima de uma árvore da minha propriedade. Eu ainda era uma criança, devia ter em torno de 11 ou 12 anos, e demorei muito tempo para perceber que aquele gato ingrato não desejava ser salvo.

Ele ficou em silêncio novamente, como se esperasse por alguma reação dela. Erin sabia que ele apenas contava aquela história aleatória, naquele momento, como forma de distração e decidiu incentivá-lo a continuar:

— O que aconteceu?

Ela quase pôde ouvir o sorriso aliviado na voz dele quando ele prosseguiu.

— Assim que eu o alcancei, ele grudou as garras em minhas

mãos fazendo com que eu caísse da árvore.

— Ele poderia estar apenas assustado — ela comentou —, atacá-lo pode ter sido uma reação instintiva.

Mesmo sem olhar, ela soube que ele estava fazendo uma careta.

— Eu acreditaria nisso se, ao cair no chão, morrendo de dor e com meu braço virado em um ângulo errado, eu não tivesse visto o bendito gato saltando em um galho mais baixo e entrando em minha casa por uma janela.

Um pequeno sorriso involuntário se abriu na boca de Erin, mas ela não conseguiu juntar coragem o suficiente para olhá-lo.

— Eu salvei um gato preso em uma árvore uma vez — ela confessou —, mas, diferentemente do senhor, minha história teve um final feliz.

— Conte-me — ele pediu.

Erin fechou os olhos por um segundo. Bassett possuía uma voz muito agradável e, de fato, estava surtindo certo efeito ao acalmá-la.

— Eu tinha 8 anos e era pequena demais para saber que uma dama não deveria subir em árvores — disse. — Escutei o gato miando e decidi que eu deveria ajudá-lo, então, subi na árvore e o peguei.

O lorde fez um barulho baixo e ela não pôde impedir seus olhos de se desviarem para olhá-lo. Ele estava balançando a cabeça e, quando percebeu que estava sendo observado, lançou um belo

sorriso para Erin que fez com que seu coração errasse uma batida.

— Sua história fez com que eu me sentisse um idiota — ele confessou.

Erin se surpreendeu com aquilo.

— O quê?

— A senhorita fez parecer tão fácil.

Um dos cantos da boca de Erin se ergueu involuntariamente e ela voltou a atenção para a janela.

Não se sentia mais à beira do pânico.

— Não gosta de seu primeiro nome? — Bassett perguntou repentinamente.

Ela se virou para ele, confusa.

— Não tenho nada contra ele — respondeu de forma cautelosa.

O cenho dele se franziu levemente.

— Mas prefere o segundo — tentou adivinhar.

Erin sentiu um pequeno aperto no coração.

— É o nome que minha mãe escolheu — explicou. — Ela se recusava a me chamar de Sarah. Meu pai decidiu por esse nome sem consultá-la, em homenagem à minha falecida avó. Mamãe costumava dizer que Sarah é um nome *tradicional demais* — ao final da frase, ela tentou soar como a mãe, mas não acreditou ter sido bem sucedida. — Depois que ela morreu... — sua voz falhou e ela

engoliu em seco. — É o nome que eu escolhi usar.

Ela foi capaz de sentir a intensidade dos olhos de Adrian sobre si, mas não teve a coragem necessária para retribuir o olhar.

— Erin é um nome muito bonito — ele comentou.

E sou sincero. Genuinamente.

— Obrigada.

Outro silêncio se instalou, desta vez, absurdamente mais desconfortável, de forma que Erin se viu pedindo:

— Conte-me sobre sua família.

E Adrian pareceu quase aliviado ao responder.

— O que deseja saber?

Qualquer coisa, ela pensou. Erin apenas desejava que ele continuasse falando.

— O senhor falou mais cedo sobre uma irmã — comentou —, também a citou na carta que me enviou.

— Anastasia — ele disse com sua voz enchendo-se de evidente carinho. — Creio que a senhorita gostará dela, Anya me tira o sono com frequência, mas é uma boa garota e é muito inteligente. Ela se casou recentemente com o conde de Riverdale e ambos parecem extremamente felizes.

— Comentou em sua carta que foi um casamento por amor — Erin apontou e não estava muito certa do porquê o havia feito.

O marquês assentiu.

— Eles estão absurdamente apaixonados. Chega a ser desconfortável de se ver.

— Não acredita em amor, milorde?

Novamente, ela não sabia de onde havia vindo aquela pergunta.

— Eu acredito, sim — ele confessou — Meus pais tiveram um casamento extremamente apaixonado.

Havia algo triste no seu tom e Erin conseguiu escutar com clareza o “mas” que ele não tinha dito.

— O que aconteceu?

— Minha mãe morreu — ele explicou em um suspiro pesado — e eu descobri em primeira mão o que acontece com uma pessoa quando ela tem o seu amor arrancado dela.

Erin queria saber mais. Ela queria que ele lhe contasse exatamente o que havia acontecido, contudo, sabia que não seria correto arrancar tais informações dele. Bassett era educado o suficiente para lhe contar o que ela desejasse saber, mesmo que, possivelmente, não tivesse vontade de tocar naquele assunto.

— Possui outros irmãos? — foi a pergunta que ela decidiu fazer.

Ela não sabia se o brilho nos olhos dele correspondia à surpresa ou alívio e percebeu que não precisava saber.

— Sim. Dois.

— Conte-me sobre eles.



Capítulo 4

1. Não entrar em pânico.
2. Respirar fundo.
- ~~3. Fugir.~~
3. Não fugir.

Lista de Afazeres, por Erin Winter

Londres - Gifford House

— **P**arabéns, Adrian. Sua noiva é bonita demais para você, meu irmão.

Esta foi a recepção que receberam assim que Adrian e lady Erin colocaram os pés na entrada de sua casa, próximo à linha de empregados que os aguardavam, lançando um olhar de aviso para Dean, a pessoa que havia dito tais palavras inadequadas.

— Quer que eu a apresente a todos, milady? — ele perguntou para lady Winter — Ou prefere fazer isso mais tarde, quando

houver descansado apropriadamente?

Eles haviam feito um caminho cansativo, sem descanso, parando apenas para tratar os cavalos e comer algo. Em dado momento, a pele de lady Erin havia assumido uma palidez quase desesperadora, mas ela declinou todas as tentativas que Adrian fez para distraí-la após uma curva fechada que fizeram, na qual a carruagem se inclinou um pouco para a lateral. Aquele foi o pior momento, quando os olhos da lady se tornaram vítreos e Adrian temeu que ela pudesse entrar em pânico ou desmaiar.

Ele próprio sentia-se infinitamente cansado, não conseguiu dormir direito durante toda a viagem tamanha era sua preocupação com lady Winter, que pareceu permanecer acordada o tempo inteiro, sem tirar os olhos da janela, nem mesmo quando o frio piorou com a chegada da noite.

— Prefiro conhecer todos agora — Erin respondeu —, se não for incomodá-lo, milorde.

O som de alguém bufando atraiu a atenção deles para a base da fila, onde estavam os Hartwells – ao menos os que não ficavam presos em seu escritório ou não haviam se casado.

— Quanta formalidade — Dean, aquele que havia bufado, zombou — Quem os vê desta forma jamais pensaria que estão prometidos em casamento — ele pausou, um sorriso ferino despontando de seus lábios. — Porém, pensando melhor, creio que faz sentido já que os dois foram praticamente obrigados a seguir com esse compromisso.

Revirando os olhos, Adrian gesticulou para o jovem de cabelos escuros e olhos dourados.

— Este é o irmão inconveniente do qual lhe contei — disse para lady Winter —, Dean Hartwell.

Ela fez uma mesura polida para Dean.

— É uma honra conhecê-lo, milorde.

Adrian observou enquanto seu irmão ficava desarmado diante da educação da jovem e, calado, retribuía sua mesura.

Caminhando para o lado, ele a levou até seu outro irmão, que apenas observava a cena com seus olhos verdes, tão parecidos com os do próprio Adrian.

— Este é Nathan — apresentou.

Nate, sempre educado, se apressou a inclinar-se para a jovem, cumprimentando-a.

— É uma honra, milady.

Ela segurou as saias e se inclinou levemente.

— A honra é minha, milorde.

Satisfeito, Adrian se virou para a fila de criados. A Sra. Beaumont deu um passo à frente.

— Seja bem-vinda, milady. Meu nome é Cornelia Beaumont — apresentou-se —, sou a governanta da casa. Qualquer coisa que precisar, pode pedir diretamente para mim — após Erin menear a cabeça em reconhecimento, a Sra. Beaumont apontou para a pessoa ao lado dela — Este é o Sr. Matthews, nosso mordomo; ao lado dele está nosso jardineiro, Sr. Gaskell e sua filha, Isla.

Erin olhou para o homem de pele escura com um brilho

diferente em seu olhar.

— É um prazer conhecê-los — ela disse, soando verdadeiramente sincera. — Sr. Gaskell, o senhor pode me informar se esta propriedade possui orquídeas?

Adrian observou seu jardineiro se mostrar perplexo com aquela pergunta.

— Sim, e-eu... — ele gaguejou, antes de pausar e se recuperar o suficiente para responder: — Temos orquídeas.

Ela assentiu.

— Como as mantém vivas?

O jardineiro se mexeu desconfortavelmente acima de seus pés.

— E-eu...

Adrian deu um passo à frente, decidindo salvar o pobre homem.

— Levarei-a até a estufa amanhã e a milady poderá ver pessoalmente como são os cuidados do Sr. Gaskell com as orquídeas e quaisquer outras flores que desejar — prometeu.

O olhar iluminado dela se virou para Adrian.

— Eu adoraria, muito obrigada, milorde.

Satisfeito com a forma como havia lidado com a situação, Adrian virou-se para a Sra. Beaumont, pronto para pedir que ela terminasse de apresentar Erin aos criados, mas parou ao perceber algo que não havia notado antes.

— Onde está Eveleen?

Quase como se Adrian houvesse acionado alguma coisa com suas palavras, um grito soou pela propriedade, fazendo com que todos se virassem na direção do som.

Nada poderia ter preparado Adrian para a imagem que ele viu a seguir: um pato corria, grasnando desesperadamente, batendo as asas e tentando levantar voo enquanto uma Eveleen extremamente suja e desalinhada corria atrás da ave, soltando grunhidos e amaldiçoando o animal a cada passo.

— Peguem essa coisa! — Evie gritou ao ver a multidão reunida na frente da casa. — Andem logo!

Ninguém pareceu capaz de se mexer, todos chocados demais com o que viam.

O que diabos...?

Perplexo, Adrian observou quando lady Winter caminhou decididamente para o ponto no qual o pato corria, interrompendo o caminho do animal e o pegando em seus flancos. O pato se debateu um tempo, até que lady Erin começou a acariciá-lo e o animal se aconchegou – sim, *se aconchegou* – nos braços dela.

Evie finalmente se aproximou, sem fôlego, e apontou um dedo para o pato.

— Aha! — gritou — Achou que iria escapar de mim tão facilmente, sua coisinha fedida?

Erin franziu o cenho.

— Ela não está fedendo — comentou.

Eveleen tirou a atenção do animal, olhando para lady Winter com o cenho franzido.

— Ela?

— É fêmea — lady Erin informou —, dá para saber pelo seu tamanho. Os machos também possuem uma pena curvada próxima à cauda — ela virou o pato, erguendo uma de suas asas cuidadosamente e mostrando a todos que não havia nada curvado ali. — O grasnado da fêmea também é diferente — acrescentou, como se fosse um fato óbvio.

O franzido no cenho de Evie se aprofundou, mas a jovem resolveu deixar aquele assunto de lado quando estendeu as mão para o pato — ou melhor, *a pata*.

— Não importará o barulho que essa coisa faz quando estiver dentro da panela.

Ao ouvir aquilo, lady Erin deu um passo para trás, tirando o animal do alcance de Eveleen.

O torpor de todos pareceu cessar e Dean caiu na gargalhada, rindo tanto que seu corpo se dobrou ao meio. Adrian resolveu agir, então, limpando a garganta.

— Eveleen, o que pensa que está fazendo?

A jovem loira se virou para Adrian.

— A Sra. Crowley pediu que eu pegasse um pato para que ela pudesse cozinhá-lo para a refeição.

— Eu pedi isso há horas — a Sra. Crowley informou, saindo da fila de empregados. — Você demorou tanto que minha filha,

Adeline, foi ela mesma até o galinheiro e pegou uma galinha.

Evie lançou um olhar fulminante para a pata.

— Eu teria sido mais rápida se essa coisa não tivesse me mordido e fugido.

— Bicado.

Todos voltaram a atenção para Nathan, que apenas deu de ombros.

— Os patos não mordem, eles bicam.

Eveleen pareceu ficar ainda mais furiosa.

— Tudo bem, espertinho — ela grunhiu para o Hartwell mais novo presente ali. — Porque não deixa um maldito animal te atacar e, depois, discutimos a gramática?

— A senhorita não precisa se preocupar — lady Erin disse para Evie, atraindo a atenção de todos — Patos são animais realmente limpos, a possibilidade de um ferimento causado por seu bico infeccionar é muito baixa.

Evie olhou para lady Winter como se estivesse a enxergando pela primeira vez.

— E quem é a senhorita? — questionou.



Erin analisou a bela moça loira que parecia ter rolado diversas vezes na grama e tentou cumprimentá-la de forma apropriada, mas acabou tornando-se algo desajeitado por causa da pata que havia se aninhado em seu peito.

O rapaz extremamente atraente e com incríveis olhos dourados, Dean Hartwell, parecia ter se recuperado de sua crise de risos e respondeu:

— *Esta, em pouco tempo, será a mais nova integrante de nossa pequena família... e sua patroa.*

A jovem pareceu ficar confusa por um momento, até que algo pareceu clarear em sua mente e ela se endireitou.

— *A noiva?*

— *A noiva* — Erin confirmou.

Eveleen, como Adrian havia se referido à moça, se curvou em uma reverência educada.

— *É uma honra, milady* — disse — *Seja bem-vinda à Gifford House. Ela é um pouco bagunçada às vezes, mas todos nos amamos* — então, a loira fez uma careta. — *Exceto por Dean. Apenas Adrian e Nate amam ele. Às vezes, Anya também, mas ela não está aqui agora.*

O nobre de olhos dourados bufou.

— *Você já pode confessar sua paixão por mim, Louie, todos paramos de acreditar nesse seu fingimento há muito tempo.*

O nojo que assumiu o rosto da jovem não poderia ser descrito em palavras.

— Vai se f...

— Basta! — lorde Bassett deu um passo à frente, interrompendo Eveleen. Ele adotou um tom alto e firme que não dava aberturas para dubiedade. — Lady Winter e eu passamos por uma viagem cansativa. Tudo o que precisamos é de paz, então, Evie, por favor, leve essa ave daqui e dê um jeito de estar apresentável para a próxima refeição — ele se virou para Dean. — Você — cuspiu — vai tratar lady Erin Winter com toda a educação que eu espero que reste em você. E Nathan... — virou-se para o outro irmão, depois, franziu o cenho — O que você fez de errado mesmo?

Nathan Hartwell apenas revirou os olhos.

— Entre, Adrian — seu irmão mais novo disse. — Pedirei aos criados que preparem um banho quente para você e para lady Winter.

Como se fosse sua deixa, Sra. Beaumont saiu da fila de empregados.

— Devo mandar as coisas da milady até o quarto conjugado?

Quarto conjugado?

Erin se virou para Bassett. De certo ele...

— Não — o marquês respondeu, firme, fazendo com que Erin respirasse aliviada. — Escolha outro quarto e designe alguém para ser sua dama de companhia.

Uma risada maliciosa soou baixa, mas todos ouviram.

— Eu sabia que havia algo faltando — Dean comentou. — O

que fazia sozinho com a moça em uma carruagem tão espaçosa, meu irmão? — ele se virou para Erin, algo em sua postura não permitindo que ela o levasse a sério. — Quero que a senhorita, milady, saiba que, no caso de ele não a ter tratado corretamente, o desempenho de Adrian não corresponde ao resto da família. Caso tenha dúvidas, não me importo de visitá-la mais tarde e...

— Fazê-la entrar em tristeza profunda após a decepção que teria — Eveleen concluiu.

Erin poderia não saber exatamente sobre o que ambos se referiam, mas a conotação maliciosa fez com que ela corasse profundamente.

Dean estalou a língua antes de lançar um sorriso ferino para a jovem loira.

— Eu me ofereceria para ir até o seu quarto — atirou —, mas acontece que prefiro mulheres um pouco mais... femininas — ele cuspiu a palavra como se quisesse dizer algo pior —, Louie.

Erin balanceou o apelido claramente masculino com a imagem que ela via da jovem e se perguntou se Dean Hartwell era cego ou se ele apenas fazia aquilo para irritar a moça. Decidiu que, provavelmente, era a segunda opção. Dificilmente uma pessoa que conseguia permanecer atraente até mesmo coberta de grama e terra, poderia ser considerada pouco feminina.

— Ora, Deanzinho — Eveleen replicou —, não se esqueça que já o vi sem suas roupas e eu posso lhe garantir que o pouco que há para ser visto, não me impressionou nem um pouco.

Raiva pura fervilhou nos olhos dourados dele.

— Se pensa que vai me irritar com uma coisa tão pequena, está enganada, sua selvagem.

Os cantos da boca de Eveleen se ergueram.

— Uma coisa bem pequena, de fato.

— Eveleen! — a Sra. Beaumont sibilou em uma clara advertência — Entre agora mesmo e tente estar apresentável para a refeição — e nada em seu tom fez com que pensassem que aquilo era algo além de uma ordem que não dava abertura para a desobediência.

Dean enfiou as mãos em seus bolsos e lançou um sorriso venenoso para a jovem.

— Não se esforce tanto ao arrumar-se — avisou —, Anya não está aqui para nos forçar a comer ao lado da criadagem.

Erin mal teve tempo para sair da frente antes que a bota da moça voasse em uma linha certa até a cabeça de um Dean muito surpreso. O sorriso de Eveleen ficou extremamente largo após a exclamação de dor do rapaz de olhos dourados, ela abaixou-se para tirar sua outra bota do pé e caminhou descalça até os fundos da casa, sumindo da vista de todos.

Logo Dean entrou na casa, pela porta da frente, atirando maldições e palavrões a cada passo, para quem quisesse ouvir. Nathan fez uma mesura, um cumprimento final para Erin, antes de seguir o irmão.

Após isso, os criados se dissiparam rapidamente, exceto pela Sra. Beaumont.

Um toque hesitante no cotovelo de Erin fez com que ela desse um curto pulo para o lado, então, viu que o toque havia vindo de lorde Adrian, que estava ao seu lado.

— Juro que normalmente as coisas aqui são menos... — ele franziu o cenho, procurando pela palavra apropriada — Agitadas.

No entanto, algo em seu tom fez com que Erin não acreditasse muito em suas palavras. Ela lançou um pequeno sorriso para ele.

— Está tudo bem — garantiu, querendo dizer isso de verdade. — Também tenho uma família agitada.

Ele assentiu uma vez, como se lembrasse do encontro dele com Harriet.

— Agora que as coisas se acalmaram, por que não me entrega esse pato e entramos para descansarmos um pouco? Mais tarde, se desejar, posso levá-la para conhecer os arredores. Além da estufa, como prometi.

Erin imitou seu aceno e olhou para baixo, lembrando-se da pata que agora dormia calmamente em seus braços.

— O que acontecerá a ela?

Seguindo o olhar dela, Bassett franziu o cenho para a ave.

— Não tenho certeza — confessou — Estou certo de que a Sra. Crowley pagou um bom preço por isso no mercado e a cozinhará em algum momento, talvez para o jantar, mais tarde.

Endireitando a coluna, Erin nivelou seu olhar com o dele.

— Eu a comprarei — informou, resoluta — Quanto pensa que sua cozinheira, a Sra. Crowley, quererá por ela?

O marquês a olhou como se uma segunda cabeça tivesse surgido nela.

— Por que a senhorita iria querer comprar uma pata?

— Olhe para ela, milorde — Erin pediu e, de fato, ele o fez. — Não posso, em sã consciência, deixar que matem um animal que se aconchegou em mim desta forma.

O cenho dele se franziu ainda mais.

— Bem, estou certo de que Dean se aconchegou em muitas mulheres que desejam matá-lo atualmente.

Erin demorou meio segundo para perceber que Bassett havia chamado o irmão de “animal” e não pôde impedir a risada baixa que escapou por entre seus lábios. A expressão dele se tornou infinitamente mais leve quando ele voltou a nivelar seus olhos com os dela. Algo que ela não reconheceu brilhou naquelas esferas cor de esmeralda.

— A senhorita fica bem quando sorri — ele elogiou, então, enfiou as mãos em seus bolsos antes de lançar um sorriso hesitante para ela. — Pode ficar com a pata, resolverei as coisas com a Sra. Crowley. Faça o que quiser com a ave.

Algo quente se espalhou pelo peito de Erin e ela encarou o marquês com outros olhos. Certamente, se casar com um homem atraente, atencioso, que ama tão claramente seus irmãos e trata bem seus empregados... não poderia ser tão ruim. Ela sabia que dificilmente aprenderia a amá-lo, mas poderia respeitá-lo e o resto

viria com o tempo.

Não era a vida que ela desejava, mas poderia se tornar algo... bom. Agradável. Erin poderia sobreviver com uma vida agradável.

Mas jamais deixaria de desejar o extraordinário. Ela afundou este pensamento e as esperanças em um lugar escuro e escondido em seu coração e lançou um sorriso maior para lorde Bassett.

— Eu... — ela começou a dizer, sem saber ao certo o que realmente diria.

Erin jamais saberia o que sairia de sua boca naquele momento, pois, a Sra. Beaumont a interrompeu, aproximando-se de ambos.

— Milorde?

Bassett demorou um pouco mais do que meio segundo para desviar o olhar de Erin para a governanta.

— Sim?

Sra. Beaumont tirou um pequeno retângulo de papel do bolso de seu vestido e o entregou para o marquês, que enrijeceu-se visivelmente.

— *Ele* pediu que eu lhe entregasse isso — a governanta informou, depois, os deixou sozinhos, refazendo o caminho feito pelo resto da criadagem até os fundos da casa.

— O que é isso? — Erin perguntou, deixando sua curiosidade sobrepor seu bom senso e sua educação.

Podia parecer impossível, mas Bassett se enrijeceu ainda

mais e sua expressão se tornou irreconhecível quando ele respondeu em um tom glacial:

— Uma intimação do duque de Gifford.



Capítulo 5

1. Descansar.

2. Comer.

~~3. Perguntar a Adrian porque ainda não conheci o duque.~~

3. Conhecer mais de Gifford House e sua criadagem.

Lista de Afazeres, por Erin Winter

Poucas coisas irritavam Adrian mais que as missivas que seu pai insistia em escrever e distribuir por toda casa, contendo ordens ridículas que o homem era muito bem capaz de dizer pessoalmente.

Após certificar-se de que lady Winter estava apropriadamente instalada em um bom quarto e que Isla estava pronta para fazer qualquer coisa que lhe fosse pedido pela dama, Adrian marchou até o outro lado da casa, onde ficava a caverna na qual seu pai vinha se mantendo escondido por anos – também conhecida como seu escritório.

Venha até mim. Traga lady Winter com você.

Adrian amassou o papel entre seus dedos.

Joseph Hartwell era o homem mais egoísta que ele já havia conhecido em sua vida. Seu pai agia como se todos ao seu redor fossem fantoches, esperando por seu comando. Ele era como o capitão de um navio que esperava ser minuciosamente obedecido por seus imediatos.

Exceto que aquele navio teria claramente afundado se não fosse por Adrian.

Anastasia havia se casado e ido embora para viver uma vida melhor. Dean e Nathan certamente fariam o mesmo em algum ponto... raios, até Adrian desejava fazê-lo, mas estava preso pelo dever. Aparentemente, ele jamais seria capaz de deixar Gifford House. No momento presente, ele estava irremediavelmente incubido das tarefas sociais que deveriam ser executadas por seu pai, porém, como o duque de Gifford se recusava a comparecer ao parlamento, conversar com seu administrador, visitar os arrendatários ou fazer qualquer serviço que não pudesse ser feito de seu escritório, através de papéis, Adrian agia como duque, mesmo que ainda não possuísse o título, pois, se não o fizesse, todos os bens ligados ao título de Gifford seriam jogados na latrina.

Sem ao menos se dar ao trabalho de bater na porta, Adrian entrou no refúgio de seu pai. O lugar estava tão deprimente quanto ele se lembrava e absurdamente impessoal, considerando a quantidade de tempo que aquele homem passava ali. Havia poucos móveis e diversos papéis. O quadro de sua mãe permanecia no mesmo lugar, acima da cabeça de seu pai. Adrian detestava aquele quadro, ilustrava sua mãe de uma maneira que ela jamais havia sido: séria, imponente e com um claro olhar de julgamento. Arabella Hartwell era, em vida, uma mulher extremamente alegre e amorosa, que amava seu marido e seus filhos mais do que tudo.

Se pudesse, Adrian queimaria aquele maldito quadro.

— Cheguei, *Vossa Alteza* — ele avisou em tom ácido, utilizando o título com sarcasmo.

Seu pai demorou algum tempo para levantar os olhos dos papéis à sua frente e olhar Adrian, como se sua chegada não fosse tão importante quanto o que ele fazia.

— Está atrasado.

Revirando os olhos, Adrian caminhou até a poltrona surrada que havia no canto da sala e se jogou no assento, pondo os pés sobre o escabelo, sabendo que sua falta de modos irritaria o duque.

— Desculpe-me, meu rei — zombou —, pode ser difícil de acreditar, mas eu tenho mais coisas a fazer da minha vida além de servi-lo.

Joseph franziu os lábios em um sinal claro de reprovação.

— Onde está a garota?

Adrian poderia prolongar aquilo, fingindo-se de desentendido até levar seu ilustre pai ao seu limite, entretanto, aquele ambiente o deixava doente e quanto mais rápido pudesse sair dali, melhor.

— Está descansando — respondeu. — Não que o senhor se importe, mas tivemos uma viagem cansativa.

O repuxar de lábios do duque se aprofundou e ele estreitou os olhos para o filho.

— Eu lhe disse claramente para trazê-la ao meu escritório.

Segurando-se para não apertar seus dedos na poltrona, Adrian arqueou uma sobrancelha.

— Ora, papai, sei que o chamo de alteza às vezes, mas o senhor não deveria levar tão a sério. Eu não vivo para cumprir suas ordens.

Após uma resposta como essa, o duque normalmente bateria na mesa e exigiria por respeito, porém, contrariando seu temperamento curto, os cantos de sua boca se ergueram em um sorriso perturbador que fez com que Adrian se arrepiasse.

— Tudo bem — seu pai se jogou para trás em sua cadeira em uma postura descontraída nada característica dele —, faremos do seu jeito.

E nenhuma palavra existente poderia descrever o choque que Adrian sentiu ao ver Joseph Hartwell pegando um jornal em mãos e levantando-se — isso mesmo, *levantando-se* — do lugar que havia se tornado seu habitat natural. O duque parou em frente a seu filho e jogou o jornal em seu colo.

O cérebro de Adrian parou. *Mas que diabos... ?*

— Olhe.

Demorando um pouco mais do que o esperado, Adrian conseguiu baixar os olhos até o jornal.

— O que eu deveria... — ele pausou.

Oh. Ele não precisava perguntar. Estava ali, enorme, e em letras absurdamente extravagantes que impediam qualquer um de deixar aquele anúncio passar batido.

O que dizia o anúncio? Bem, aparentemente, lorde Adrian Alexander James Lewis Hartwell, o marquês de Bassett, e lady Sarah Erin Winter se casariam no próximo final de semana. Enquanto seu sangue fervia em suas veias, Adrian não pôde deixar de lamentar a quantidade de tinta utilizada para imprimir apenas seu nome. Seus olhos percorreram o fino papel procurando por uma data. O jornal havia sido colocado em circulação no dia anterior.

— O senhor enlouqueceu! — rosnou — O que a sociedade irá pensar se fizermos um casamento com uma licença especial?

— Que esse maldito noivado durou tempo o suficiente — o pai retrucou.

Adrian saltou sobre seus pés, ficando cara a cara com o duque. Em algum ponto ao longo dos anos, ele havia superado seu pai em altura e não havia notado, naquele momento, Joseph praticamente precisava erguer o queixo para fitar os olhos de seu filho, tão parecidos com os seus próprios.

Não. Os olhos de Adrian tinham mais vida do que os daquele pobre homem que não fazia ideia do porquê acordar todos os dias.

— Lady Winter não gostará disso — avisou —, ela se sentirá ultrajada. E com toda razão.

O duque ergueu um ombro.

— Diga a ela que a culpa é minha, me pinte como o vilão de sua história. Eu não me importo — ele deu um passo à frente, sua postura inabalável, como uma estátua de gelo. — Mas, no final, ela concordará com esse arranjo; um casamento cancelado poderia arruinar sua reputação.

Adrian encarou o pai.

— Podemos adiar — desafiou.

Joseph riu.

— Adiar a data após um anúncio no jornal? Boa sorte ao conter as fofocas após isso.

Ele não disse o resto em voz alta, mas as palavras estavam ali para quem soubesse ouvir, o que, infelizmente, Adrian fazia. As palavras eram: fofocas podem arruinar a reputação dela igualmente, ou, até mesmo, de maneira pior.

Inferno.

Preso novamente pelo próprio dever.

Adrian jamais saberia o que transpareceu em seu rosto, mas o sorriso de satisfação no rosto do duque de Gifford dizia tudo.

— Saia — seu pai ordenou. — Conte as boas novas à garota.

— Vá a merda — Adrian cuspiu.

O duque estalou a língua.

— O inferno está cheio de pessoas com esse tipo de linguajar.

— Eu iria feliz para o inferno se já não soubesse que é para lá o que o senhor vai também.

Finalmente os olhos de Joseph Hartwell ferveram e sua pele tornou-se avermelhada conforme raiva o tomava.

— Não o criei para que me tratasse de tal forma.

Adrian sentiu uma risada borbulhando na superfície de sua garganta.

— Tem toda razão, Vossa Graça. O senhor realmente não me criou.

Ele deu meia-volta, pronto para que aquelas palavras fossem as últimas entre eles por algum tempo, mas quando encostou na maçaneta da porta, o duque disse seu nome. Adrian ficou estático, aguardando.

— A moça é problemática?

Franzindo o cenho, Adrian lançou a ele um olhar por cima de seu ombro.

— Como disse?

— Essa lady, filha de Lovelace. Ela é problemática?

Os punhos de Adrian se cerraram.

— O quê?

O duque enfiou as mãos nos bolsos.

— Bem, acabamos de nos livrar de um problema, não é mesmo? Tudo o que eu não quero é outra louca dentro de minha casa.

Adrian fechou os olhos. Respirou fundo uma vez e soltou a respiração lentamente. Ele não iria bater em seu pai. Não iria.

— Anastasia é afortunada por conseguir sair deste lugar — atirou.

— Somos afortunados por nos livrarmos daquilo.

O autocontrole de Adrian se quebrou e ele deu um salto da direção de seu pai, atingindo seu rosto com tanta força que a pele de seu punho se rompeu.

— Você não vai mais falar dela, entendeu? — grunhiu contra a face do duque, que parecia estar em choque. — Entendeu? — ele sacudiu o homem. Joseph não se moveu.

Adrian observou o choque se transformar gradativamente em ódio e resolveu que era hora de sair dali.

Novamente, ele foi até a porta e girou a maçaneta, mas não pôde sair antes de declarar para seu pai, que cuspiu sangue:

— Lady Winter é perfeita, assim como Anastasia também é. O único problema desta casa é você.



— Pode me explicar novamente porque me colocou em um quarto em frente ao quarto de lorde Adrian Hartwell? — Erin se virou para sua nova criada, Isla, uma adolescente de cabelos escuros e pele cor de chocolate.

A jovem endireitou o corpo.

— Claro, milady — respondeu de prontidão. — Este é o melhor quarto da casa, se não contarmos o quarto conjugado e o antigo

quarto de lady Anya.

Erin conteve uma careta. Ela não precisava do melhor quarto.

— Esta casa deve ter centenas de quartos — argumentou — e lorde Adrian pode se sentir desconfortável se eu me instalar tão perto dele.

Isla balançou uma mão, como se aquilo não fosse realmente um problema.

— Ele não se importará — garantiu — Além disso, este é o quarto livre mais próximo das escadarias, não haverá perigo de se perder por causa do tamanho da casa e facilitará, caso precise me chamar para qualquer coisa.

Raios, a moça tinha um ponto. Ainda assim...

— Não é correto dormir tão próxima de um homem solteiro.

A morena apenas a encarou, como se ela houvesse dito algo ridículo.

— Ele não é solteiro. É seu noivo — apontou o óbvio. — Sem contar que há duas portas os separando. Se isso não for o suficiente, posso garantir para a senhorita que lorde Adrian é um perfeito cavalheiro e jamais faria algo indecoroso, milady.

— A senhorita é bastante obstinada — Erin apontou.

Isla sorriu.

— Apenas desejo o melhor para a minha futura senhora.

Contendo um suspiro, Erin olhou novamente ao redor do quarto, admitindo que aquele era realmente um quarto muito

bonito e a cama parecia bastante confortável. Tão confortável que Erin sentiu vontade de desistir de seu banho e saltar no meio daquele colchão que parecia absurdamente macio.

Ela olhou para o lado, observando a ida e a vinda de criados com baldes de água quente. Assim que a banheira ficou cheia o suficiente, todos desapareceram convenientemente, deixando-a a sós com Isla.

— Precisaré de ajuda para se despir, milady?

Erin conteve uma careta.

Em qualquer outra ocasião, ela aceitaria a ajuda, porém, naquele momento, desejava ficar sozinha. Desesperadamente.

— Não, obrigada — respondeu. — Caso eu precise de algo, a chamarei.

Isla assentiu.

— Estarei no andar inferior — informou, prestativa.

Erin lançou um sorriso educado para ela.

— Sim, claro. Não se preocupe comigo.

A moça se inclinou em uma mesura desajeitada e se retirou do quarto, fechando a porta e deixando Erin sozinha.

Com um suspiro, Erin começou a afrouxar os laços do corpete de seu vestido. Seus músculos doíam por conta da viagem apressada e o fato de que ela mal havia dormido na estalagem que haviam passado a noite não ajudava em nada a sua situação. O tecido do vestido caiu aos seus pés e ela passou a trabalhar nas

amarras de seu espartilho apertado. Era surpreendente o fato de ela conseguir respirar dentro daquela coisa.

Bem, ela pensou ao deixar o espartilho cair aos seus pés, sobre seu vestido, não posso realmente reclamar sobre o trajeto que fizemos dentro daquela carruagem.

Um arrepio percorreu sua espinha, fazendo-a lembrar-se da última vez que havia entrado em uma carruagem, antes de lorde Adrian aparecer em sua porta. Ela rapidamente enterrou a memória, decidindo que não iria revivê-la naquele momento. Nem nunca, se ela pudesse escolher.

Ela desceu as mãos para a barra de sua camisa e...

— Milady?

Com um grito estrangulado, Erin deu um salto para o lado. Seu coração apenas recuperou sua batida no momento que ela percebeu que era apenas Isla, que a olhava através de uma pequena abertura na porta, por onde havia passado apenas sua cabeça e um ombro fino.

— Sim? — Erin conseguiu responder, sua voz soando apenas levemente estridente por conta do susto.

— Perdão, milady — Isla disse, sua expressão demonstrava um misto de divertimento e arrependimento. — Eu apenas esqueci de perguntar para a senhorita, o que devemos fazer com o pato?

Franzindo o cenho, Erin percebeu que havia esquecido aquele detalhe. Ela olhou para o canto do quarto, onde a pata havia se aconchegado em um travesseiro colocado para ela no chão. Ela olhava os arredores do quarto com um olhar vigilante.

— Traga algo que ela possa comer — Erin pediu. — E água.

— A senhorita vai mesmo cuidar desse pato como um animal de estimação?

— Vou.

E aquela era a única resposta que a moça receberia, pois, Erin não estava se sentindo no seu estado mais paciente. Ela estava dolorida, cansada e precisando urgentemente de um banho e uma cama macia.

— Como desejar — foi a resposta hesitante de Isla antes de fechar a porta novamente.

Livrando-se de sua camisa e de suas ceroulas, Erin caminhou até a banheira e quase chorou de emoção ao sentir a água quente em seu corpo. Ajeitando-se na lateral de madeira, ela permitiu-se fechar os olhos por um momento. Apenas por um momento...



Adrian parou em frente ao quarto que os criados haviam apontado como o de lady Winter e encarou a porta fechada por mais tempo do que seria necessário.

Talvez ela esteja dormindo, pensou. De certo, não seria correto acordá-la. A viagem pareceu ser uma tortura para ambos, mas, principalmente, para ela, que passou a maior parte da viagem com a cabeça praticamente do lado de fora da janela ou apertando as

mãos nervosamente. Quando pararam numa estalagem, Adrian tinha certeza de que ela desmaiaria de tanto cansaço, mas, pela manhã, as olheiras mostraram que ele se enganou. Ela só pareceu florescer quando a carruagem adentrou a propriedade dele, com a vindoura perspectiva de que ela sairia daquele ambiente fechado... com ele.

Contudo, fazia muito tempo desde que ela entrara ali e ele fora avisado de que uma refeição estava prestes a ser servida. Isla se voluntariou para ir chamar lady Erin, mas Adrian tinha assuntos urgentes que precisavam ser tratados com ela e ele jamais fora conhecido por sua paciência.

Decidindo que não adiantaria atrasar aquele encontro, Adrian ergueu a mão, pronto para bater na madeira maciça, quando um grito estrangulado soou dentro do quarto e seu cavalheirismo sobrepôs seu bom senso, fazendo-o invadir o cômodo.

Então, ele congelou.

Não havia nenhum perigo ali, apenas lady Erin. Dormindo. Em uma banheira. Completamente nua.

Um gemido estrangulado escapou da moça e Adrian percebeu que ela estava sonhando. Não, notou quando a jovem começou a balançar a cabeça e choramingar, ela estava tendo um pesadelo. Um bem ruim, pelo visto.

Ignorando o bom senso, Adrian caminhou até o lado dela, fixando seu olhar apenas no rosto da moça, decidindo que, não importava o quanto ele estivesse tentado, evitaria ter qualquer vislumbre de seu corpo nu, em respeito a ela.

— Lady Winter — ele chamou baixinho, tocando levemente o seu ombro.

— Não... — ela murmurou em um gemido fraco — mãe... por favor...

Adrian a balançou um pouco mais forte.

— Lady Winter! — tentou novamente.

Ela começou a sacudir a cabeça com mais força e Adrian entrou em pânico ao perceber que ela começou a sugar o ar desesperadamente, como se não conseguisse obter o suficiente do oxigênio que seu corpo necessitava.

Lady Erin estava com falta de ar.

— Mãe... — ela ofegou — Precisamos... sair...

Desesperado, Adrian desceu a mão para a água – que estava fria – e fechou os dedos de forma que suas juntas formaram uma concha, pegou o máximo de água que conseguiu e, em seguida, jogou sobre o rosto dela.

Erin abriu os olhos, arregalados e virou o rosto para o lado da banheira, ofegante.

Adrian notou-a tremendo. Antes que pudesse parar para pensar, ele deslizou seu casaco para fora do seu corpo e o colocou sobre os ombros dela, ignorando o quanto o tecido caro ficava ensopado.

Finalmente, ela voltou os olhos arregalados para ele. Adrian jamais havia acreditado nas palavras que os bobos românticos colocavam em suas poesias. Ele não entendia a lógica de borboletas

no estômago ou como o mundo parecia parar apenas ao olhar para alguém. Entretanto, quando Erin Winter o olhou com aqueles olhos impressionantes... lindos... o mundo realmente pareceu parar ao seu redor, dando-lhe a ilusão de que tudo o que existia eram os dois e aquele momento.

E o pato que bicava desesperado a lateral da banheira de madeira, como se soubesse que alguma coisa estava errada.

Adrian a analisou clinicamente por alguns segundos, tirando a palidez e os seus lábios que começavam a ficar azuis, ela parecia bem.

— Olá — ele sussurrou.

— Olá — respondeu ela, então, lambeu rapidamente seu lábio inferior, dando a Adrian um rápido vislumbre de sua pequena língua rosada.

Ele poderia beijá-la. Esse pensamento o atingiu de repente. Sim. Certamente estava próximo o suficiente para fazê-lo, ele apenas precisaria se inclinar um pouco e, então...

Adrian quase se estapeou.

Mas que diabos... ? A garota estava molhada e nua, exceto por seu casaco de inverno, sem contar o fato de que ela havia acabado de acordar de um pesadelo e ainda parecia assustada.

— A senhorita está bem? — ele conseguiu perguntar.

Erin assentiu, um movimento lento e firme.

— O que faz aqui? — ela questionou.

Uma mecha de seu cabelo caiu por cima de seu olho esquerdo e Adrian precisou se segurar para não tirá-lo de lá. Ele precisou se segurar para não tocá-la.

— A refeição está pronta — informou. — Vim chamá-la para descermos juntos, mas quando parei na porta, escutei um grito e... entrei — ela apenas continuou olhando-o com um olhar avaliativo que fez com que nervosismo subisse pelas veias de Adrian. — Juro pelos céus que eu não fiz nada estranho com a senhorita, sequer olhei para o seu corpo, eu apenas queria... acordá-la. Você... a *senhorita* — se corrigiu rapidamente — parecia estar sofrendo e eu... — cerrou os lábios, percebendo que estava tagarelado.

Parabéns, Adrian. Quanta eloquência.

Ela apenas lançou um sorriso fraco para ele.

— Pode me ajudar a levantar? — ela pediu.

— Sim! — ele disse rápido. Talvez rápido demais, ansioso para fazer algo.

Adrian apoiou um braço ao redor dos ombros dela e a ajudou a equilibrar-se sobre os próprios pés. Com a mão livre, ele tentou enrolá-la melhor com seu casaco, contudo, metade do tecido havia ficado encharcado e não estava em absoluto fazendo o seu trabalho de afastar o frio.

Erin colocou um pé para fora da banheira, depois, o outro. O pato — ou *a pata* — correu até as pernas dela, encostando seu bico carinhosamente em sua pele, como se o animal a houvesse reconhecido como sua mãe.

— Pode pegar uma toalha para mim? — ela pediu. Seu lábio

inferior começando a tremer levemente por conta do frio.

Se Adrian tivesse tempo, ele acenderia a lareira daquele quarto. De fato, era enfurecedor o fato de os criados terem esquecido daquele detalhe em pleno inverno.

Ele a soltou apenas quando teve certeza de que ela poderia se firmar sobre os próprios pés e correu até o baú ao final da cama. Quando ele voltou com uma toalha, Erin olhava para ele com uma expressão estranha, como se estivesse contendo uma risada.

— O que foi? — ele perguntou.

Ela esticou a mão, pegando a toalha enquanto mantinha o casaco firmemente enrolado ao seu redor com a outra mão.

— Eu tive apenas um pesadelo, milorde — garantiu —, e, no momento, a única coisa que me aflige é este frio ridículo — retorceu levemente o lábio em uma careta que Adrian achou adorável. — E a vergonha de estar usando apenas um casaco molhado na frente do senhor — acrescentou, um leve rubor subindo por sua bochecha e trazendo cor para sua pele pálida. — Eu não estou doente. Milorde não precisa garantir que eu consiga fazer algo simples como ficar de pé, muito menos me olhar desta forma.

Adrian não pôde se impedir de arquear levemente uma sobrancelha para ela.

— E como eu estou a olhando?

— Como se estivesse disposto a enfrentar enchentes e furacões para que eu fique melhor.

Um pequeno sorriso despontou dos lábios de Adrian.

— O que eu posso fazer? — brincou — Praticamente criei meus irmãos, sou um pouco protetor.

Ela franziu o cenho.

Até o franzir de cenho dela era adorável, ele notou.

— Não sei se posso apreciar o fato de que me coloque no mesmo patamar de seus irmãos — comentou —, considerando tudo.

Adrian quase se estapeou.

— Não está — ele garantiu, rápido.

Diabos, há poucos segundos, ele estava prestes a beijá-la.

Ela o analisou por mais alguns segundos, então, desviou o olhar.

— Pode me deixar sozinha, para que eu possa me vestir? — pediu.

Ele estava assentindo antes mesmo de responder:

— Sim. Claro. Eu a esperarei no começo das escadarias, para que possamos descer juntos.

Erin assentiu.

Adrian saiu do quarto como se o lugar estivesse pegando fogo. Sua mente confusa, perguntando-se o que diabos havia acabado de acontecer.



Capítulo 6

- 1. Levar Daisy até o lago mais próximo da casa para que ela possa nadar.*
- 2. Discutir os detalhes do casamento com lorde Adrian.*
- ~~*3. Invadir o escritório do duque de Gifford e perguntar que merda ele tinha na cabeça para decidir que publicar aquele anúncio em um jornal era uma boa ideia.*~~
- 3. Aceitar a situação, mesmo detestando a maneira como ela se desenrolou.*

Lista de Afazeres, por Erin Winter

Três dias. Eles se casariam em apenas três dias.

O dia anterior passara como um borrão para Erin após lorde Adrian confessar a ela o que o duque de Gifford havia feito. A refeição havia acontecido exatamente como ela esperava: em um silêncio constrangedor que, provavelmente – ok, *com certeza*, – foi culpa de Erin. Os irmãos Hartwells foram perfeitos na hora de abordar assuntos que pudessem agradá-la, contudo, ela simplesmente não sentia vontade de conversar. Havia muitas coisas em sua cabeça.

Ao fim da refeição, ela desculpou-se com todos e pediu a lorde Bassett por papéis, pena e tinta. Ela precisava escrever para seu pai e Harriet. E para Arthur.

Adrian garantiu a ela que postaria as cartas ao raiar do sol no correio expresso, para que chegassem a tempo. Erin tinha plena consciência de que, ao casar-se, estava entregando-se para aquela nova família. Contudo, a ideia de uma cerimônia de casamento sem as pessoas que importavam para ela a deixava doente.

Oh, Deus, orou, jogando uma pequena pedra na superfície do lago – o mais longe possível de onde Daisy, sua pata, estava – e observando-a quicar três vezes antes de afundar, não permita que minhas cartas sejam extraviadas.

Um assobio baixo soou ao lado de Erin, fazendo com que seu coração saltasse em seu peito.

— Belo arremesso — Bassett comentou.

Ela olhou em sua direção, percebendo que ele mantinha uma distância segura. O lorde usava uma roupa que destoava completamente do tempo frio atual, sem casaco, apenas colete sobre camisa de linho branco levemente amassada, com as mangas dobradas até o antebraço e o colarinho – sem gravata – estava levemente aberto, dando a Erin uma ideia clara de como o seu corpo era definido. O cabelo dele também estava impressionantemente desalinhado, como se ele tivesse passado os dedos por eles diversas vezes.

Erin não pôde conter o arrepio em sua nuca ao pensar no quanto ele era atraente.

— Milorde — ela cumprimentou.

Ele abriu a boca, provavelmente para responder seu cumprimento, mas seu cenho se franziu quando ele olhou para o lago.

— O que é isso na cabeça da pata?

Erin seguiu o olhar dele e, então, sentiu a pele corar.

— Cortei uma das minhas fitas e fiz um laço para ela — admitiu.

Bassett encarou Erin, parecia perplexo.

— Por quê?

Não havia uma resposta socialmente apropriada para aquela pergunta, então, Erin respondeu com a verdade:

— Pensei que ela ficaria bonitinha.

A perplexidade de Bassett se transformou em descontração em questão de segundos, ele parou com ambas as mãos nos bolsos e lançou um pequeno sorriso para Erin.

— Parabéns. Ela ficou uma graça.

Erin poderia ter apreciado mais o comentário se não houvesse uma óbvia diversão ali. E se não fosse às custas dela.

— Que nome o senhor daria a ela, milorde? — perguntou em um impulso que não foi capaz de conter.

A diversão sumiu dos olhos dele.

— Perdão?

— Que nome o senhor daria para a pata?

Ele a encarou por alguns segundos, como se quisesse comprovar que ela estava falando sério. Erin retribuiu o olhar com sua expressão em branco.

Suas sobrancelhas escuras se juntaram quando ele voltou a atenção para a pata.

— Não sei — disse, por fim. — Por que uma pata precisaria de um nome?

Segurando a vontade de rir do desconforto dele, Erin se esforçou para manter-se séria.

— Bem, se eu fosse uma pata, certamente não iria querer ser chamada de pata pelo resto da minha vida.

— Imagino que se a senhorita fosse uma pata, não teria esse tipo de preocupação.

Erin apenas o encarou.

As sobrancelhas dele se juntaram ainda mais e pareceu quase exasperado ao dizer:

— Mary.

Foi a vez de Erin juntar as sobrancelhas e olhar para a ave que nadava calmamente no pequeno lago na frente da propriedade.

— Ela não tem cara de Mary — comentou, então, balançou a cabeça. — O senhor já nomeou algo em sua vida?

Ele fez uma careta.

— Nomeei um cachorro uma vez, antes de ele fugir da propriedade — confessou.

Erin ficou interessada.

— Qual era o nome do cachorro?

A careta dele se aprofundou.

— Cão.

Erin riu. Ela simplesmente não pôde se segurar.

— Oh, céus — ela conseguiu dizer entre as baixas risadas. — Eu entendo por que o pobre animal fugiu. Acho que o gato da árvore o arranhou e fez com que caísse; ficou com medo de ser chamado de Gato por toda a vida.

Em dado momento, o marquês deixou um sorriso aparecer em seus lábios, um brilho diferente tomando conta de seu olhar enquanto ele a encarava.

— Talvez a senhorita esteja correta — admitiu. — Sou terrível para nomear coisas. Creio que terá de ficar encarregada de nomear nossos filhos.

Erin congelou, a risada entalada em sua garganta.

Filhos.

Ele já estava pensando em ter filhos.

E ela quase se estapeou. É claro que ele pensaria em ter crianças, todo homem da nobreza desejava ao menos um herdeiro. O detalhe de que ela achava absurdamente cedo para discutirem algo com tamanha proporção não anulava aquele fato.

Engolindo em seco, Erin tentou sorrir para ele.

— Eu já nomeei a pata — ela confessou, tentando voltar para o assunto inicial. — Daisy.

— Daisy? — repetiu. Depois, olhou para a ave, que estava saindo do lago e correndo para os pés de Erin — Acho que ela tem cara mesmo de Daisy.

Ela não sabia se ele estava zombando dela ou não, mas, por algum motivo, Erin se sentiu satisfeita.

— Onde... — ela começou a perguntar, então, mordeu a língua.

Uma dama não deveria se intrometer nos assuntos de um cavalheiro, por mais que estivesse curiosa.

Ele a olhou com interesse.

— Onde... ? — instigou.

Erin limpou a garganta.

— Posso perguntar o que fazia neste início de manhã, milorde? — perguntou, depois, lançou um olhar rápido para a quantidade quase indecente de roupa que ele usava.

Bassett seguiu seu olhar.

— Ah, isso? — ele pareceu ficar um pouco envergonhado — Eu estava voltando do correio e precisei parar para resolver um problema na terra de um dos arrendatários.

Ela ficou mais curiosa.

— Que espécie de problema?

— Uma égua estava tendo dificuldades durante o parto — explicou. — O potro estava sufocando com o cordão umbilical em volta do pescoço. O Sr. Ross, o arrendatário em questão, estava desesperado, com medo de que o potro morresse.

Erin prendeu a respiração.

— Deu tudo certo?

Para o alívio dela, Adrian assentiu.

— Eu já havia feito alguns partos antes, das éguas da minha propriedade, e consegui libertar o potro do cordão umbilical. Tenho certeza de que ele se tornará um belo garanhão ao crescer.

Lançando um sorriso genuíno para ele, Erin comentou:

— O senhor foi um herói, milorde.

Ele pareceu desconcertado com aquela observação.

— Certamente, não fui.

O sorriso dela não vacilou. Havia poucas coisas no mundo que despertavam o amor de Erin como as plantas e os animais. O fato de que lorde Adrian não era um nobre enfadonho e desalmado acalentou seu coração.

— Outra pessoa teria deixado o potro morrer — ela apontou. — Já aconteceu o mesmo com alguns arrendatários de nossas propriedades; em todos os casos, eles puxavam o filhote e o deixavam sufocar, para que a mãe não corresse risco de morte. Eles diziam que o risco de perder os dois não valia a pena.

Ele a encarou por um segundo.

— Pensando na forma como a senhorita correu na direção dessa pata — apontou —, me surpreende que não tenha invadido os celeiros desses arrendatários e feito os partos com suas próprias mãos.

Erin desviou o olhar. Ela havia pensado naquilo, é claro, exceto que...

— Não possuo o conhecimento necessário para realizar um parto. De certo, eu mataria ambos, a mãe e o filhote.

Adrian abriu a boca e, por um momento, ela imaginou que se ofereceria para ensiná-la, contudo, ele voltou a cerrar os lábios.

Certo, pensou, quase decepcionada, uma dama não deveria realizar partos de animais.

— Trouxe algo para a senhorita — ele informou, de repente, quebrando o silêncio que havia se instalado.

Erin se surpreendeu.

— Algo? — ecoou.

Ele retirou uma mão do bolso e, em seguida, abriu o punho. Erin perdeu o fôlego. Ali, repousando em sua palma, estava o anel mais lindo que ela já havia visto na vida. Em um primeiro momento, ela poderia jurar que ele era de ouro, contudo, Erin jamais havia visto um tom de ouro tão exótico. Não chegava a ser dourado, pendendo para um tom leve de bronze.... mas, claramente, não era bronze. O anel havia sido moldado em um delicado intricado com pequenos diamantes em suas laterais e uma

pedra um pouco maior e levemente rosada em seu centro.

— Meu cunhado comprou para minha irmã um anel cuja pedra possuía o tom exato dos olhos dela — ele contou —, dourados, muito parecidos com os olhos de minha mãe e de Dean — Bassett olhou para o magnífico anel em sua mão. — Pensei em imitá-lo e fazer o mesmo; a senhorita possui lindos olhos. Cheguei a colocar as mãos em pedras cor de lavanda excepcionais, mas quando vi este anel, não pude deixar de pensar que esse ouro é da cor exata de seus cabelos.

Erin congelou. De certo ele não estava insinuando que aquela coisa excepcional se assemelhava aos fios com tom de nada que ela possuía na cabeça.

— O ourives me informou que este metal se chama Ouro Vermelho — Adrian informou — Aparentemente ele é criado a partir da mistura de ouro puro e bronze. Nesta peça específica, ele confessou que estava testando novas cores e acrescentou um pouco de prata e uma gota de cobre derretido, por isso, atingiu esse tom diferente. O ourives disse que não conseguiu replicar o feito e que a cada vez o metal atinge uma cor diferente — ele abriu um sorriso satisfeito para ela. — A senhorita, milady, é dona de uma jóia única.

Sentindo-se encabulada, Erin deixou que ele pegasse sua mão.

— Sei que provavelmente não desejava que as coisas fossem dessa forma — ele continuou —, e eu sinto muito. Eu realmente sinto. Sei que um anel não fará com que as coisas entre nós mudem, ou se tornem mais fáceis. Contudo, imaginei que este anel pode significar que estou disposto a me esforçar para que as coisas deem certo entre nós. Eu desejo conhecê-la, lady Winter. Sei que é

tarde e que não temos realmente uma escolha, mas perguntarei mesmo assim — então, para o completo choque de Erin, o marquês de Bassett se ajoelhou na sua frente. — Quer se casar comigo?



Adrian imaginou diversos cenários para aquela proposta que, após sair de sua boca, havia se mostrado quase ridícula de tão piegas. Seu coração saltou em seu peito, como se aquela fosse uma situação real onde sua dignidade dependesse exclusivamente de sua resposta. Claro que o ideal era que ele não fizesse uma proposta tão importante ajoelhado sobre a grama úmida e fria, ou com a aparência tão desalinhada, mas ele pensava que, já que teria de fazê-lo de toda forma, que o fizesse logo.

Em dado momento, ele imaginou que ela riria. Depois, imaginou que ela pudesse chorar de tristeza ao pensar estar presa a ele por toda a vida. Mas lady Erin o surpreendeu, inclinando-se até seus olhos ficarem da altura do rosto dele. Ela não pareceu ligar para o fato de que estava molhando e sujando a frente da barra de seu lindo vestido lilás.

— Erin — ela sussurrou.

Adrian piscou.

— O quê?

Um belo rubor tomou conta de seu rosto delicado.

— Uma vez que vamos nos casar em três dias, penso que não é inapropriado nos tratarmos de maneira informal — explicou. — Pode me chamar de Erin.

Ele se ergueu, colocando-se de pé. Ela se endireitou.

— Erin — ele repetiu, deixando que o som da palavra rolasse lentamente por sua língua, testando o nome. Adrian gostou de como soou em sua boca e lançou um sorriso para ela. — Não prefere Sally? — perguntou com apenas uma nota de zombaria em sua voz.

Adrian observou, fascinado, quando a pele dela se tornou mais corada, o rubor descendo por seu pescoço. Ele desejou por um segundo ser capaz de ver até onde aquele rubor iria, então, se censurou. Não era nada cavalheiresco imaginar uma dama nua, mesmo uma que seria sua esposa.

— Arthur é impossível — ela comentou. — Eu detesto esse apelido — Erin levantou os olhos para ele. — Não o use. Por favor.

Por algum motivo, Adrian se sentiu irritado com a intimidade com que ela dizia o nome do amigo, mas ficou aliviado ao perceber que ela não gostava do apelido que lorde Lowell usava para se referir a ela.

Então, Adrian pensou que estava enlouquecendo por ter reações tão opostas em uma quantidade tão curta de tempo.

— Não o usarei, Erin.

— Obrigada — ela disse e, então, para o completo prazer dele, acrescentou em uma voz baixa e lenta: —, Adrian.

Céus. Naquele exato momento, Adrian teve certeza de que não se importaria de passar o resto da vida escutando a forma como ela pronunciava seu nome com aquela bela voz.

Involuntariamente, os olhos dele abaixaram para os lábios dela. Pequenos, delicados e cheios. *Perfeitos para serem beijados*. E, de fato, ele chegou a se inclinar um pouco na direção dela. Adrian congelou.

Erin o encarou com um olhar interrogativo.

Como se um diabinho houvesse se apossado dos pensamentos de Adrian, ele começou a pensar que ele poderia fazê-lo. Ele poderia beijá-la. Realmente, poderia. Deus sabia que eles estavam noivos e que quando se casassem, seria para o resto da vida.

Adrian não achava correto possuir amantes após um casamento, pois, aquilo seria diminuir a esposa. Desrespeitá-la. Pensando dessa forma, Erin seria a última mulher que ele beijaria em sua vida e era uma coisa boa que ele se sentisse atraído por ela.

— Não sei o que está pensando — ela sussurrou.

Com algum esforço, ele conseguiu tirar os olhos dos lábios dela.

— Acho que você não aprovaria os meus pensamentos.

Aqueles lindos olhos cor de lavanda vasculharam o rosto dele.

— Adrian — ela murmurou.

Maldito fosse, mas não pôde impedir a si mesmo de dar um passo na direção dela, aproximando ainda mais seus corpos de tal

forma que ele podia sentir o inebriante cheiro de rosas que exalava dela.

— Sim?

Ela fixou o olhar nos olhos dele com tamanha intensidade que o deixou sem fôlego. Como era possível que ele fosse tão mais alto que Erin, mas se sentisse tão pequeno perto dela?

— Sei perfeitamente que a curiosidade é uma coisa que deve ser desestimulada em uma mulher — ela disse —, mas devo informar-lhe que eu sou uma pessoa naturalmente curiosa.

— E o seu ponto é...?

— Diga-me o que está pensando — ela pediu.

Adrian soltou a respiração que ele não sabia que estava prendendo.

— Talvez fosse melhor eu te mostrar — sussurrou.

E ele viu apenas um leve brilho de confusão nos olhos dela antes de se abaixar e se apossar de seus lábios.



Erin estava sendo beijada.

Ela ficou totalmente estática, perguntando-se o que Adrian pretendia com aquilo. Ele apenas pressionou os próprios lábios

contra os dela por alguns segundos e, então, se afastou, notando o quanto Erin estava imóvel. O brilho em seus olhos verdes deu lugar a um breve arrependimento.

— Perdão — ele sussurrou com a voz levemente rouca. — Eu não deveria...

— É assim que é um beijo? — ela o interrompeu.

Adrian olhou para ela por um segundo, confuso.

— O quê?

Erin franziu o cenho.

— Eu imaginava uma coisa mais... — ela pausou, envergonhada — indecorosa. — Olhou para cima e percebeu que Adrian a encarava. — É só que... bem, como um toque tão breve de lábios pode arruinar tantas reputações? Isso é quase... decepcionante — sua voz foi sumindo ao final da frase, tornando-se um sussurro.

Somente após dizer tais palavras, ela percebeu o quanto estava sendo mal-educada. Certamente não era culpa de Adrian que ela se decepcionasse com a mecânica dos beijos.

— Eu... — ele começou.

— Não — Erin balançou a cabeça —, você não fez nada de errado, não se desculpe.

— Eu apenas...

Ela lançou um sorriso educado para ele.

— Está tudo bem — garantiu. — Realmente está. Não faço

ideia de onde tirei que...

— Erin.

— ... um beijo deveria ser indecoroso...

Diversão brilhou nos olhos de Adrian.

— Erin — ele tentou novamente.

— ... uma dama certamente não deve esperar nada indecoroso de um cavalheiro — ela continuou. — E, de fato, não espero, eu apenas...

Os lábios dele desceram sobre os dela novamente, calando-a. Um arrepio agradável atingiu o corpo de Erin a partir de suas bocas unidas, mas logo Adrian se afastou novamente.

— Não me leve a mal — ele sussurrou, sua testa encostada na dela —, realmente aprecio o fato de que não está contendo seus pensamentos em prol da educação, mas se ficar calada por apenas um segundo, eu gostaria de explicar que isso o que fizemos, duas vezes, não pode ser considerado um beijo de verdade.

Ela se sentiu confusa.

— Não?

Um mínimo sorriso se abriu nos lábios de Adrian.

— Não — ele se afastou apenas o suficiente para olhar nos olhos dela. — Não a beijei corretamente, fiquei receoso de qual seria sua reação. Deseja que eu corrija isso?

Erin o analisou por alguns segundos. Ela certamente estava mais curiosa do que nunca, contudo...

Bem, para o inferno com as normas e com o que era ou deixava de ser correto. Eles iriam se casar em três dias, pelo amor de Deus, se ela não deixasse que ele a beijasse, quem mais a beijaria?

Ela mal terminou de assentir e os lábios dele estavam sobre os dela novamente, entretanto, desta vez, de uma forma diferente. Adrian moveu sua boca como se testasse e decorasse o contorno dos lábios dela, quando ela sentiu algo úmido e macio acariciando lentamente seu lábio inferior, Erin percebeu, perplexa, que ele estava usando a língua. Ela jamais havia imaginado que a língua pudesse ter uso em um beijo. Curiosa, decidiu fazer o mesmo que ele, pressionando a boca contra a dele e passando a língua timidamente em seu lábio inferior.

Algo como um rosnado baixo escapou de Adrian e ele fisgou a língua dela com a sua própria, surpreendendo-a ao adentrar sua boca. Outro arrepio percorreu a pele de Erin e, de repente, ela duvidou de sua capacidade de se manter em pé.

Oh, então, *aquilo* era um beijo de verdade.

Sim, ela conseguiu pensar enquanto se esforçava para retribuir o beijo da melhor maneira, imitando o que ele fazia com sua língua e a pressão de seus lábios, *é por isso que tantas damas são arruinadas*. Então, Adrian segurou sua nuca, mudando o ângulo do beijo de maneira que ficou ainda mais profundo, e Erin não pensou em mais nada.

Em dado momento, Erin se colocou na ponta dos pés, sendo guiada por um instinto que ela sequer sabia que tinha, e rodeou os braços no pescoço dele, trazendo seu corpo o mais próximo de Adrian que conseguiu. A mão dele se fechou em sua nuca, seus

dedos desfazendo levemente a base de seu coque e sua outra mão foi até a cintura de Erin, puxando-a ainda mais para ele.

Ambos estavam tão próximos que haviam se tornado praticamente a mesma pessoa, então, por que Erin continuava desejando que se aproximassem ainda mais?

O ar entre eles se tornou espesso enquanto o beijo se tornava mais intenso. Era estranho que ela se sentisse tão quente em uma manhã tão fria, porém, ela não era capaz de imaginar qual seria o motivo daquilo ou ao menos se forçar a desejar saber. Nada mudava o fato de que aquilo era *tão bom*.

Ela poderia passar dias beijando-o, percebeu, e não se importaria minimamente.

Quando ambos se afastaram, ofegantes em busca de ar, Adrian voltou a encostar a testa na dela.

— O que achou? — ele perguntou, rouco — Indecoroso?

E Erin riu.

— Achei que esta foi uma experiência muito interessante, milorde — ela conseguiu dizer.

— Adrian. Depois de um beijo como esse, não aceito que me chame de outra coisa que não seja o meu nome de batismo.

O sorriso dela aumentou. Por algum motivo, ela sentia-se zozna, como se sua cabeça estivesse nas nuvens.

— Não foi como eu imaginava, *Adrian* — ela admitiu.

Ele retribuiu o sorriso.

— Espero que tenha sido melhor.

Erin riu novamente.

— Creio que eu não tenha com o que comparar — zombou.

Algo perigosamente malicioso brilhou naqueles incríveis olhos verde-esmeralda.

— Bem — ele começou —, talvez eu deva...

Ele jamais terminou sua frase, pois, outra voz se elevou sobre eles:

— Adrian! Finalmente encontrei você!

Ambos se afastaram. O momento entre Adrian e Erin se dissipando como névoa sob o sol. Ela ergueu o olhar e viu a bela criada, Eveleen Beaumont, correndo até eles. A jovem usava um vestido simples, marrom, e um casaquinho sem graça em tom terroso que fez com que Erin pensasse que a moça ficaria bonita até mesmo usando trapos.

Quando Eveleen finalmente os alcançou, havia tanto espaço entre Erin e Adrian que a jovem criada os olhou com desconfiança antes de dizer a ele:

— Aquela modista que organizou o noivado da Anya está esperando pelo senhor na sala — a jovem, depois, franziu o cenho e encarou a roupa de Adrian.— Meu Deus, você não está com frio?

Modista?

— A Srt^a Nithercott? — Adrian perguntou, adotando uma postura quase profissional quando a Srt^a Beaumont confirmou —

Diga a ela que eu a encontrarei em alguns minutos, preciso apenas me trocar — ele, então, se virou para Erin. — Pode ir na frente, se desejar. Estou certo de que há algumas coisas que queira discutir sobre o casamento.

A mente de Erin trabalhou rápido, fazendo-a assimilar o fato de que ele havia contratado uma modista para organizar seu casamento.

Ela abriu a boca, se era para concordar com o que Adrian havia dito ou para dizer o que realmente estava em sua mente — algo como: *a única coisa que desejo discutir sobre o casamento não é algo que esteja ao nosso alcance* — ela jamais saberia, pois, um barulho absurdo a interrompeu, estourando onde eles estavam parados, seguido por um eco estridente. Os ouvidos de Erin zuniram e ela se sentiu atordoada, olhando ao redor, buscando a origem daquele som terrível.

Apenas ao ver o casco completamente destruído de uma árvore próxima a eles que Erin foi capaz de entender o que havia sido aquele som:

Alguém havia atirado na direção deles.